

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANDREW JUMPER

Ralf Quadras Ataide Castilho

**A SOBERANIA DE DEUS NA ORAÇÃO: UMA ABORDAGEM BÍBLICO- REFORMADA  
SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA E A ORAÇÃO**

**São Paulo**

**2022**

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANDREW JUMPER

Ralf Quadras Ataide Castilho

**A SOBERANIA DE DEUS NA ORAÇÃO: UMA ABORDAGEM BÍBLICO- REFORMADA  
SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA E A ORAÇÃO**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Históricos-Teológicos.

Orientador Professor Dr. Alderi Souza de Matos

**São Paulo**

**2022**

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C352s

Castilho, Ralf Quadras Ataide.

A soberania de Deus na oração : [recurso eletrônico] uma abordagem bíblico-reformada sobre a relação entre a doutrina da providência e a oração / Ralf Quadras Ataide Castilho.  
739 KB ;

Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Dr. Alderi Souza de Matos Matos.  
Referências Bibliográficas: f. 56-58.

1. Soberania. 2. Oração. 3. Providência. 4. Deus. 5. Mudar. I. Matos, Dr. Alderi Souza de Matos, *orientador(a)*. II. Título.

Ralf Quadras Ataide Castilho

**A SOBERANIA DE DEUS NA ORAÇÃO: UMA ABORDAGEM BÍBLICO-REFORMADA  
SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA E A ORAÇÃO**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Históricos-Teológicos.

Orientador Professor Dr. Alderi Souza de Matos

Aprovação 29/11/2022

Orientador: Prof. Dr. Alderi Souza de Matos

## Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Ralf Quadras Ataide Castilho**

Programa: MDiv

Título do Trabalho: A soberania de Deus na oração: Uma abordagem bíblico-reformada sobre a relação entre a doutrina da providência e a oração.

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

## **DEDICATÓRIA**

À minha amada esposa Kellen Vitoriano Daniel Teixeira Castilho e ao meu querido filho Pedro Lucas Teixeira Castilho. Dedico ainda aos meus pais e a minha querida irmã.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me vocacionado para o ministério pastoral e ter providenciado todos os meios para que eu e minha família pudéssemos concluir essa etapa tão importante de nossas vidas.

Agradeço a minha esposa Kellen Vitoriano Daniel Teixeira Castilho, por estar ao meu lado em todos os momentos, sendo minha companheira, amiga, conselheira, ombro amigo e por ter aberto mão de seus sonhos para estar ao meu lado no ministério pastoral; agradeço também ao meu pequeno filho Pedro Lucas Teixeira Castilho, por trazer alegria e esperança ao meu coração. Agradeço aos meus pais Carlindo Castilho e Maria Eliza Quadras Ataíde Castilho, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando: espiritualmente, financeiramente e emocionalmente. Agradeço ainda a minha irmã Kamila Quadras Castilho Natalino, por ser uma amiga e conselheira de todas as horas. Agradeço ao meu sogro Gesimar Daniel Teixeira (*in memoriam*) e minha sogra Laurita Aparecida Vitoriano, por sempre nos ajudar. Agradeço toda a minha família por ter vivido juntamente comigo todo este sonho.

Agradeço ao Rev. Dr. Alderi de Souza Matos, pelo auxílio dado para que este trabalho fosse realizado.

Agradeço à Igreja Presbiteriana do Brasil em Cedrolândia, por nos ter apoiado durante todo esse tempo de estudos.

## EPÍGRAFE

*“E esta é a confiança que temos  
para com ele: que, se pedirmos  
alguma coisa segundo a sua  
vontade, ele nos ouve”.*

1 João 5.14



## RESUMO

Muitos grupos evangélicos têm uma visão completamente equivocada da oração, pois pensam que ela é um meio de se mudar a vontade de Deus. Pensam que através de realização de campanhas e outras coisas mais podem mudar os decretos de Deus. Para reforçar o argumento de que Deus muda, usam textos nos quais aparentemente Deus mudou de atitude, principalmente realizando uma interpretação errada de textos que falam sobre o arrependimento de Deus. Mas a visão reformada é de que a oração é uma causa secundária, usada por Deus para o cumprimento de Seus eternos propósitos. Dessa maneira a doutrina da providência se relaciona diretamente com a oração. Deus jamais muda a sua eterna vontade. Deus nunca depende do homem, mas quis usar algumas orações de seus filhos, para que alguns de seus propósitos se manifestassem na vida daqueles que Ele elegeu. Tanto a oração, como a resposta à oração são contempladas pelo decreto soberano de Deus, pois o Deus que decreta os fins, também decreta os meios pelos quais tudo vai acontecer.

**PALAVRAS-CHAVE:** Oração; Providência; Deus; Vontade; Causa secundária; Arrependimento; Adoração; Louvor; Contrição; Graça.

## **ABSTRACT**

Many evangelical groups have a completely erroneous view of prayer, because they think that prayer is a way to change the will of God. They think that by conducting campaigns and other things they can change the decrees of God. In order to strengthen the argument that God changes, they use passages in which God apparently changed his will, mainly making a wrong interpretation of texts that speak about God's repentance. But the Reformed view is that prayer is a secondary cause, used by God to fulfill His eternal purposes. Thus, the doctrine of providence is directly related to prayer. God never changes his eternal will. God never depends on man, but decided to use some prayers of his children so that some of his purposes were manifested in the lives of those he has chosen. Both the prayer, as the answer to prayer are covered by the sovereign decree of God, for the God who decrees the end, also decrees the means by which it will happen.

**KEYWORDS:** Prayer; Providence; God; Will; Secondary causes; Repentance; Worship; Praise; Contrition; Grace.

## LISTA DE ABREVIATURAS

At – Atos

Cf. – Confira

Ef – Efésios

Ed. – Edição

Hb – Hebreus

Ibid. – mesma obra citada acima

ICAR – Igreja Católica Apostólica Romana

Idem – mesma obra e mesma página citada acima

Jd – Judas

Jn – Jonas

Jo – João

Nm – Números

p. – Página

Pv – Provérbios

Sl – Salmos

1 Pe – Primeira Epístola de Pedro

1 Cr – Primeiro Crônicas

1 Co – Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 01 – VISÃO GERAL DA DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA.....</b>	<b>12</b>
1.1 BREVE HISTÓRICO DA DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA.....	13
1.2 DEFINIÇÕES DE PROVIDÊNCIA.....	17
1.2.1 Concorrências (Causas Secundárias).....	19
<b>CAPÍTULO 02 – VISÕES EQUIVOCADAS DA PROVIDÊNCIA DIVINA E DA ORAÇÃO.....</b>	<b>23</b>
2.1 VISÃO DA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA DE ORAÇÃO.....	25
2.2 A VISÃO DA ORAÇÃO COMO UMA AÇÃO SINERGISTICA: DEUS DEPENDE DO HOMEM.....	26
2.3 ORAÇÃO ANTROPOCÊNTRICA: DEUS COMO SERVO DO HOMEM.....	28
2.4 ORAÇÃO COMO UM MEIO DE MUDAR A VONTADE DE DEUS.....	31
<b>CAPÍTULO 03 – VISÃO BÍBLICO-REFORMADA DA DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA E DA ORAÇÃO.....</b>	<b>35</b>
3.1 TEOLOGIA REFORMADA DA ORAÇÃO E DA PROVIDÊNCIA .....	37
3.2 INTERPRETAÇÃO BÍBLICA DE TEXTOS QUE FALAM SOBRE O ARREPENDIMENTO DE DEUS.....	41
3.3 ORANDO A PALAVRA DE DEUS: A ORAÇÃO COMO UM MEIO DE GRAÇA.....	44
<b>CAPÍTULO 04 – A DOCTRINA DA ORAÇÃO E DA PROVIDÊNCIA NA VIDA PRÁTICA.....</b>	<b>47</b>
4.1 O ENTENDIMENTO DA SOBERANIA DE DEUS, LEVA O HOMEM A SE PROSTRAR EM ADORAÇÃO, LOUVOR E CONFISSÃO A DEUS.....	49
4.2 A ORAÇÃO COMO FORMA DE RELACIONAMENTO COM DEUS.....	51
4.3 A ORAÇÃO LEVA OS FILHOS DE DEUS A SEREM SUBMISSOS A SUA VONTADE.....	53
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>59</b>

## INTRODUÇÃO

De um modo geral, há concordância entre os teólogos reformados a respeito da oração. Os teólogos reformados conseguem conciliar a doutrina da providência com a oração, pois há o entendimento de que a oração é uma causa secundária, por meio da qual Deus cumpre os seus decretos, decretos esses que são a causa primária. Essa verdade pode ser vista na Confissão de Fé de Westminster em seu capítulo V, que trata da doutrina da providência.

A tese que defendo é que Deus não muda de vontade por causa da oração, mas que cumpre os seus propósitos por meio da oração, lembrando que esta oração é uma causa secundária. Defendo ainda que até mesmo as causas secundárias são decretadas por Deus.

O presente trabalho tem como objetivo geral descrever a doutrina da providência, fazendo com que o leitor observe a abrangência do governo providencial de Deus sobre a vida de seus filhos.

O objetivo específico deste trabalho é mostrar a relação que existe entre a doutrina da providência e a oração, para confirmar a tese de que Deus não muda de vontade por causa da oração, mas a usa para o cumprimento de seus eternos propósitos, sendo a oração uma causa secundária. Tem como objetivo ainda mostrar a correta interpretação de dois textos, a saber: Êxodo 32.7-14 e 2 Reis 20.1-11, tendo em vista, como ponto de partida, o decreto de Deus que é imutável e infalível, reafirmando então a verdade de que Deus jamais se arrepende ou falha naquilo que decretou. E por fim, mostrar a importância da oração na vida dos servos de Deus, mesmo que ela não faça Deus mudar ou se arrepender.

Este tema se faz relevante, pois é observada, em alguns grupos evangélicos, a crença de que a oração é uma ferramenta dada por Deus aos crentes para que estes mudem a vontade de Deus, crendo que por meio de campanhas de oração, podem mudar os desígnios de Deus. A pesquisa se faz relevante, pois através do conhecimento correto da doutrina da Providência de Deus, poderá se compreender de uma maneira muito profunda o verdadeiro sentido da oração. Neste sentido uma pergunta surge: Deus muda por causa da oração? Ou a usa para cumprir os seus propósitos (decretados antes da fundação do mundo)?

No decorrer do presente trabalho será demonstrado que a prática da oração não pode ser desvinculada da doutrina da providência de Deus, pois se o for, Deus será tratado como aquele que muda diante das vontades humanas. Por este motivo, a doutrina da providência mostra que Deus decreta todas as coisas (causa primária) e age também por meio de causas secundárias que estão debaixo de seu controle.

Dentre essas causas secundárias temos a oração. Deus usa as orações dos homens para cumprir seus decretos (causa primária), mas lembrando que é Deus quem leva os homens à oração e também é Deus quem coloca em seus corações o que eles vão pedir e falar, pois até isso já havia sido decretado por Deus.

A pesquisa para a realização deste trabalho foi feita em diferentes fontes bibliográficas, a saber, a Confissão de Fé de Westminster, teologias sistemáticas de escritores reformados e não reformados (para entender o que estes pensam), a Bíblia Sagrada, livros que falam sobre oração e comentários bíblicos de textos problemáticos (Êx 32.7-14 e 2Rs 20.1-11), nos quais aparentemente Deus muda por causa da oração.

## CAPÍTULO 1 - VISÃO GERAL DA DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA

A doutrina da providência mostra Deus como o grande Criador e Sustentador de todas as coisas. Deus é declarado como o soberano Senhor. Por ser soberano tem em suas mãos o controle de tudo; assim ele sustenta, dirige, dispõe e governa todas as suas criaturas.

Esse governo é realizado de maneira tão soberana, que governa até mesmo as ações de suas criaturas no que se diz respeito à micro e à macro história desses seres. Não existe nada no universo que não seja feito conforme a sua vontade. A Confissão de Fé de Westminster afirma essa verdade:

Deus, o grande Criador de todas as coisas, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as criaturas, todas as ações delas e todas as coisas, das maiores até as menores, por meio de sua sapientíssima e santa providência, segundo sua infalível presciência e o livre e imutável conselho de sua própria vontade, para louvor da glória de sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia.<sup>1</sup>

Declarando a grandeza da providência de Deus, Mateus 10:29-30 afirma: “Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados”.<sup>2</sup> A soberania de Deus é ressaltada no texto de Mateus, Deus sabe a quantidade de cabelos que existe na cabeça do homem. A afirmação de Mateus mostra que até mesmo nas coisas que aparentemente são insignificantes, Deus está no controle. Se Deus controla o que aparentemente é insignificante, imagine a sua ação na história da Humanidade.

A soberania de Deus pode ser vista na criação e na providência. Depois de criar todas as coisas, Deus mesmo mantém todas essas coisas funcionando por meio de sua providência. A. A. Hodge afirma em seu comentário da Confissão de Fé de Westminster: “O controle providencial de todas as coisas, por Deus, é a consistente execução, no tempo, de seu eterno e imutável propósito”.<sup>3</sup>

Pode-se dizer que a providência de Deus é manifestada por meio da preservação. Deus é quem preserva a sua criação, fazendo com que ela permaneça da maneira que ele quer. A providência de Deus também é manifestada por meio da cooperação (*concursum*). Deus usa a sua criação para cumprir aquilo que ele decretou, desde os tempos eternos. Por último se

---

<sup>1</sup> *Confissão de Fé de Westminster*. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1991, p. 28.

<sup>2</sup> *Bíblia de Estudos de Genebra*. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 1246. Todas as outras citações bíblicas são retiradas dessa versão.

<sup>3</sup> HODGE, A. A. *Confissão de Fé de Westminster comentada por A. A. Hodge*. 4 ed. São Paulo: Puritanos, 2013, p. 135.

manifesta também através de seu governo. Deus é o grande rei que governa de uma maneira tal, que tudo acontece de acordo com a sua vontade. Charles Hodge fala sobre o governo de Deus:

Se Deus governa o universo, então ele possui algum grande alvo, inclusive um número infinito de fins subordinados, e ele tem de controlar a sequência de todos os acontecimentos de maneira que se assegure o êxito de todos os seus propósitos. A cerca desse governo providencial a Escritura ensina: (1.) Que ele é universal [...] (2.) As Escrituras ensinam que este governo de Deus é poderoso [...] (3.) Que ele é sábio [...] (4.) A providência de Deus é santa.<sup>4</sup>

Mas algo deve ser observado, Deus pode agir independente de sua criação, conforme se diz na Confissão de Fé de Westminster, Capítulo V, Seção III: “Deus, em sua providência ordinária, faz uso de meios, todavia ele é livre para operar sem eles, sobre eles e contra eles, como lhe apraz”.<sup>5</sup>

### 1.1. BREVE HISTÓRICO DA DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA

A igreja estava inserida em um contexto dominado pela cultura helênica e um dos elementos muito fortes dessa cultura era a filosofia grega, que era admirada e respeitada pelas pessoas que viviam naquele contexto. A doutrina da providência era uma resposta aos questionamentos de filósofos epicureus que defendiam a ideia de que o mundo é governado pelo acaso. Essa doutrina também trazia respostas aos filósofos estoicos, que afirmavam que o governo do cosmos era obra do destino. O posicionamento da igreja sempre foi de que Deus é quem governa todas as coisas. Desta maneira, o que acontece no mundo não é obra do acaso, como defendiam os epicureus, nem obra do destino, como defendiam os estoicos.

Outro fator interessante da doutrina da providência é que seu desenvolvimento histórico também está ligado à doutrina da predestinação. Durante muitos anos os pais da igreja não desenvolveram de maneira consistente a doutrina da providência. Pode-se dizer que o primeiro teólogo a dar um corpo consistente a essa doutrina foi Agostinho. Louis Berkhof, afirma isso em sua *Sistemática*:

Agostinho tomou a dianteira no desenvolvimento desta doutrina. Contra as doutrinas do destino e do acaso, ele dava ênfase ao fato de que todas as coisas são preservadas e governadas pela soberana, sábia e bondosa vontade de Deus, mas afirmava o domínio de Deus igualmente sobre o bem e sobre o mal que há no mundo. Com a defesa da realidade das causas secundárias, ele salvaguardava a santidade de Deus e mantinha a responsabilidade do homem.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 433.

<sup>5</sup> *Confissão de Fé de Westminster*, p. 30.

<sup>6</sup> BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Trad. Odayr Olivetti. 4 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 153.



Quando se afirma que Agostinho foi quem deu corpo a doutrina da providência, é devido ao fato de ele ter definido mais sistematicamente essa doutrina. Agostinho defende a ideia de que Deus governa todas as coisas que acontecem no mundo, e isso com base no seu decreto.

Na Idade Média pode-se perceber que não existe muita controvérsia sobre o assunto da providência de Deus, pois o ensino oficial da igreja quanto à providência se baseava na visão agostiniana. Contudo, não se pode pensar que não existiam neste período visões equivocadas com respeito a providência de Deus. Os pelagianos defendiam uma visão diferente da de Agostinho. Entretanto, eram um pequeno grupo, que não teve tanta relevância durante a Idade Média. Essa verdade pode ser vista na afirmação de Louis Berkhof em sua *Sistemática*:

Durante a idade média houve pouca controvérsia sobre o tema providência divina. [...] O conceito predominante era o de Agostinho, que sujeitava tudo à vontade de Deus. Não significa, porém, que não havia ideias divergentes. O pelagianismo limitava a providência à vida natural, e excluía a vida ética. E os semipelagianos seguia na mesma direção, conquanto nem todos fossem igualmente longe. [...] A doutrina da providência divina de Tomás de Aquino segue em geral a de Agostinho, e sustenta que a vontade de Deus, como determinada pelas suas perfeições, preserva e governa todas as coisas [...]<sup>7</sup>

A afirmação de Berkhof mostra que o pensamento de Agostinho predominava na mentalidade da igreja. Mas pode-se ver que os seguidores de Pelágio ainda estavam presentes dentro da igreja. Só a título de explicação, é bom descrever quem era Pelágio e o que pensava. Pelágio era um monge britânico que defendia que o homem era o senhor de seu destino. Dessa maneira, a história da Humanidade não é governada por Deus, mas o homem é quem conduz a sua história. A visão de Pelágio apresenta um Deus semissoberano, pois o Soberano é um mero expectador que depende do homem para escrever a história. Franklin Ferreira e Alan Myatt, falando sobre Pelágio, fazem a seguinte afirmação:

Segundo o monge britânico Pelágio, que viveu em meados do século IV, o ser humano é dotado de livre-arbítrio, sendo senhor de seu destino, pois Deus não predestinou o estado final dos homens. O ser humano não é limitado pelo pecado, mas tem em si mesmo o poder de viver uma vida boa e escolher obedecer a Deus, sem necessidade de uma intervenção divina.<sup>8</sup>

Conforme pode ser visto, Pelágio foi ao oposto do que afirmavam as Escrituras. Por este motivo, o pensamento de Agostinho, que era mais fiel às Escrituras, ecoou nos ensinamentos da igreja. Entretanto, pode-se afirmar que João Calvino foi quem deu à doutrina da providência um entendimento mais bíblico e pastoral. Para Calvino, a criação e a providência estão

---

<sup>7</sup> Ibid.

<sup>8</sup> FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 302.

completamente unidas e não poderiam ser separadas. Conforme pode ser visto nas *Institutas da Religião Cristã*, livro I, Capítulo XVI:

Com efeito, tomar Deus como um Criador momentâneo, que haja realizado sua obra de uma vez por todas, seria fútil e de nenhum proveito. E nisto, principalmente, convém que sejamos diferentes dos homens profanos: que a presença do poder divino nos fascine, não menos no estado contínuo do mundo do que em sua origem primeira. Pois, ainda que até mesmo as mentes dos ímpios sejam, só ante a visão da terra e do céu, compelidas a elevar-se ao Criador, contudo a fé tem sua maneira peculiar pela qual atribui a Deus o pleno louvor da criação. Ao que é pertinente essa afirmação do apóstolo que já citamos antes [Hb 11.3]: “Somente pela fé entendemos que o mundo foi produzido pela Palavra de Deus”, porquanto, se não chegamos até a sua providência, por mais que pareçamos não só compreender com a mente, mas até confessar com a língua, ainda não aprendemos corretamente o que isto significa: “Deus é criador”.<sup>9</sup>

João Calvino apresenta Deus como governador e preservador de todas as suas criaturas. Deus é quem sustenta, nutre e assiste todas as obras de suas mãos. Esta verdade, pode ser vista em Atos 17:25 e 28, que diz:

Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois é que a todos dá vida, respiração e tudo mais... pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns de vossos poetas têm dito: porque dele também somos geração.

O poder de Deus é tão grande na visão de Calvino, que Deus não apenas cria as coisas, mas continua agindo nelas, para que seus propósitos eternos possam acontecer da maneira que ele planejou, por meio de seu eterno decreto. Desta maneira, Calvino está combatendo o fatalismo e o deísmo que diziam que os eventos são governados pela necessidade da natureza. Contudo, Calvino defende que Deus não é uma força impessoal, pois ele é o “Criador infinito e pessoal do universo”,<sup>10</sup> que em sua sabedoria decretou de maneira correta tudo que existe, desde a eternidade, e agora, com o seu grandioso poder, realiza maravilhosamente tudo o que decretou. Calvino afirma essa verdade em suas *Institutas da Religião Cristã*, livro I, Capítulo XVI, seção III:

Por isso, pois, ele é tido por onipotente, não porque de fato possa agir, contudo às vezes cesse e permaneça inativo; ou por um impulso geral de continuidade ao curso da natureza que prefixou, mas porque, governando céu e terra por sua providência, a tudo regula de tal modo que nada ocorra senão por sua determinação.<sup>11</sup>

Calvino combate a ideia de que o mundo foi criado por Deus e depois foi abandonado por ele, ou seja, de que Deus não mais interfere no mundo. Ele apenas deu corda no relógio e deixou que as coisas acontecessem fora de seu controle (deísmo). Para Calvino, Deus continua

<sup>9</sup> CALVINO, João. *Institutas da Religião Cristã*: edição clássica. Trad. Waldyr Carvalho Luz. 2 ed. Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 192.

<sup>10</sup> FERREIRA; MYATT, *Teologia Sistemática*, p. 303.

<sup>11</sup> CALVINO, *Institutas*, p. 194 e 195.

de maneira direta governando as ações de suas criaturas. A providência é a continuação do processo criador. Isso pode ser visto tanto na macro-história como na micro-história da humanidade.

Mas no século XVII surge o grupo dos chamados arminianos. Esses resgatam o pensamento de Pelágio, mas com uma nova roupagem. Por este motivo são conhecidos historicamente como semipelagianos. Os arminianos afirmam que os decretos de Deus são condicionais.

Mas o que querem dizer com decreto condicional? Querem dizer que os decretos de Deus dependem das ações que os homens praticam. Contudo, essa visão é completamente antibíblica, pois Deus não é dependente da vontade dos homens, mas faz tudo conforme lhe apraz. Deus não apenas vê o que acontece na história do homem, ele decreta tudo o que acontece. E por meio das causas secundárias leva os homens a fazerem aquilo que ele mesmo decretou desde os tempos eternos.

A visão arminiana historicamente influenciou os pentecostais. O conceito pentecostal de providência e oração se assemelha em muito aos arminianos. Por este motivo, esse grupo tem uma visão deturpada do que é a providência de Deus no decorrer da história da Humanidade. Além dos pentecostais, os neopentecostais também sofrem influência dos arminianos.

## 1.2. DEFINIÇÃO DE PROVIDÊNCIA

Depois de entender historicamente a doutrina da providência, se faz necessário definir de maneira bíblico-teológica o que é a “Providência Divina”. Pode-se dizer que o correto entendimento de que Deus é o criador todo-poderoso leva também a conclusão lógica de que ele preserva e governa tudo o que existe no universo. É verdade que o termo providência não é encontrado nas Escrituras Sagradas, mas também é verdade que a Bíblia mostra a providência de Deus. Conforme pode ser visto no Salmo 139:16: “Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda”.

É bom destacar que a visão correta da doutrina bíblica da providência de Deus impede quatro equívocos quanto ao relacionamento de Deus com sua criação. Isso pode ser visto na afirmação de Wayne Grudem, quando fala sobre a providência:

A doutrina bíblica não é o deísmo (que ensina que Deus criou o mundo e depois, essencialmente, abandonou-o) nem o panteísmo (que prega que a criação não tem uma

existência real e distinta de si mesma, mas meramente faz parte de Deus), mas a *providência*, que ensina que embora Deus, em todos os momentos, se relacione e se envolva ativamente com a criação, esta é distinta dele. Além disso, a doutrina bíblica não ensina que os acontecimentos da criação são determinados pelo *acaso* (ou casualidade), nem são eles determinados por um destino impessoal (ou determinismo), mas por Deus, que é o criador e Senhor pessoal, porém infinitamente poderoso.<sup>12</sup>

Tendo em sua mente uma visão bíblica do que é a providência divina, Grudem define a providência de Deus da seguinte forma:

Podemos definir assim a providência divina: Deus está continuamente envolvido com todas as coisas criadas de forma tal que (1) as preserva como elementos existentes, que conservam as propriedades com que ele os criou; (2) coopera com as coisas criadas em cada ato, dirigindo as suas propriedades características a fim de fazê-las agir como agem; e (3) as orienta no cumprimento de seus propósitos.<sup>13</sup>

Observa-se que a providência divina se divide em três partes, a saber: Preservação; Cooperação e Governo de Deus. Por este motivo, a doutrina da providência divina é verdadeiramente bíblica, pois a Palavra de Deus mostra um Deus que preserva, coopera e governa todas as suas criaturas e o universo por ele criado. É bom salientar que o verdadeiro entendimento de providência de Deus não se baseia em mero pré-conhecimento, pois se assim fosse Deus estaria refém do ser humano. Ele deixaria de ser soberano. O homem faria o que quisesse e Deus apenas teria visto o que este homem faria. Contudo, esse não é o entendimento correto da providência de Deus. Bavinck em sua *Sistemática*, afirma:

No entanto, a fé cristã não entende a providência de Deus como mero pré-conhecimento (*nuda praescientia*); ela confessa que todas as coisas são não apenas conhecidas por Deus, com antecedência, mas também determinadas e ordenadas com antecedência.<sup>14</sup>

Bavinck está afirmando que Deus cumpre de maneira organizada e planejada os seus decretos, decretos esses que foram escritos por ele antes da fundação do mundo. Deus sabe o que vai acontecer, porque decretou e não porque viu que os homens fariam isso ou aquilo. Bavinck, continua a sua afirmação sobre os decretos e a providência de Deus: “Os decretos de Deus são executados e as criaturas que, por meio deles, vêm à existência, nem por um momento existem por si mesmas, mas são sustentadas, de momento a momento, pela poderosa mão de Deus”.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*: atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 247.

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada*: Deus e a Criação. Vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 608.

<sup>15</sup> Ibid.

Bavinck, como Grudem, também defende que, apesar de as Escrituras não apresentarem a palavra providência, a Bíblia é o livro da providência, pois em todo o seu conteúdo apresenta um Deus que governa toda a sua criação. Bavinck define providência da seguinte forma:

A Escritura, em sua totalidade, é o próprio livro da providência de Deus. Portanto, descrevendo essa providência, ela se refere a criar (Sl 104.30; 148.5); fazer viver (Jó 33.4 e Ne 9:6); renovar (Sl 104.30); ver, observar (Jó 28.24; Sl 33.14ss); salvar, proteger, preservar (Nm 6.24ss; Sl 36.6; 121.7,8); liderar, ensinar, governar (Sl 9.19,20; 25.5,9; etc.); trabalhar (Jo 5.17); sustentar (Hb 1.3); cuidar (1Pe 5.17).<sup>16</sup>

Corroborando com esta ideia, A. A. Hodge faz a seguinte afirmação:

Visto que o eterno e imutável propósito de Deus predeterminou infalivelmente tudo o que acontece, segue-se que devemos realizar seu próprio propósito, não só em suas obras da criação, mas igualmente em seu contínuo controle de todas as suas criaturas e de todas as ações delas.<sup>17</sup>

O texto de 1 Crônicas 29.11 declara a grandeza do governo de Deus: “Teu, Senhor, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, Senhor, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos”. Explicando esse versículo, A. W. Pink faz uma afirmação que mostra a sábia soberania de Deus: “A Bíblia afirma que Deus está no controle de tudo. Isto é o que implicam as palavras Soberania de Deus”.<sup>18</sup>

#### 1.2.1. Concorrências (causas secundárias)

A palavra concorrência deriva da palavra latina *concursum*. O significado básico dessa palavra é cooperação. A visão reformada sempre foi de que Deus age de maneira providencial na história da Humanidade, por meio das “causas secundárias” e também por meio de “agentes livres”. Essa verdade pode ser vista na Confissão de Fé de Westminster em seu capítulo V, seção II:

Posto que, em relação à presciência e ao decreto de Deus, que é a causa primária, todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente, contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam, necessária, livre ou contingentemente, conforme a natureza das causas secundárias.<sup>19</sup>

A verdade expressa na Confissão de Fé de Westminster é que Deus não apenas fiscaliza o que está acontecendo na história da Humanidade, mas garante que tudo ocorra de acordo com

<sup>16</sup> Ibid., p. 607.

<sup>17</sup> HODGE, *Confissão de Fé de Westminster comentada por A. A. Hodge*, p. 131.

<sup>18</sup> PINK, A. W. *Deus é soberano*. 4 ed. São Jose dos Campos: Editora Fiel, 1997, p. 19.

<sup>19</sup> *Confissão de Fé de Westminster*, p. 29.

o seu decreto, que é a causa primária. Provérbios 21.1: “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina”. Este provérbio mostra que as decisões do rei são tomadas conforme a vontade de Deus, pois quem inclina o coração do rei é o próprio Senhor. Ainda se pode ver a ação do Senhor sobre o coração do homem em Provérbios 16.9, que diz: “O coração do homem traça o seu caminho, mas o Senhor lhe dirige os passos”. É impressionante como a soberania de Deus sobre a vida dos homens é ressaltada neste versículo. Quem dirige os passos do homem não é ele mesmo, mas o Deus criador de todas as coisas. E esta afirmação pode ser reforçada com Provérbios 19.21: “Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do Senhor permanecerá”.

Pode ser visto nas Escrituras que Deus usa o *concursum* para cumprir os seus propósitos na vida dos ímpios e dos crentes. Nota-se essa verdade nos casos do faraó e de Sansão. No caso de Faraó, Deus usa um ímpio para cumprir o plano estabelecido por ele mesmo. Êxodo 4.21 afirma: “Disse o Senhor a Moisés: Quando voltares ao Egito, vê que faças diante de Faraó todos os milagres que te eu posto na mão; mas eu lhe endurecerei o coração, para que não deixe ir o povo”. Foi Deus quem endureceu o coração de Faraó; isso acontece, para que Deus possa mostrar ao seu povo e aos egípcios o seu grandioso poder, conforme é registrado em Êxodo 7:3: “Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó e multiplicarei na terra do Egito os meus sinais e as minhas maravilhas”. Na vida dos crentes, também pode ser visto o *concursum* de Deus. Sansão se interessa por Dalila e seus pais ficam preocupados. Contudo, tudo aquilo que estava acontecendo atendia os propósitos de Deus, conforme pode ser visto em Juízes 14.3-4:

Porém seu pai e sua mãe lhe disseram: Não há, porventura, mulher entre as filhas de teus irmãos ou entre todo o meu povo, para que vás tomar esposa dos filisteus, daqueles incircuncisos? Disse Sansão a seu pai: Toma-me esta, porque só desta me agrado. Mas seu pai e sua mãe não sabiam que isso vinha do SENHOR, pois este procurava ocasião contra os filisteus; porquanto, naquele tempo, os filisteus dominavam sobre Israel.

Não tem como negar que “Deus coopera com as coisas criadas em cada ação, dirigindo suas propriedades distintivas para fazê-las agirem como agem”.<sup>20</sup> A concorrência é um aspecto da providência e pode-se dizer que é uma expansão do primeiro aspecto da providência, que é a preservação. Alguns teólogos, como João Calvino, tratam a concorrência como uma categoria da preservação, mas, como disse Wayne Grudem, “é útil tratá-lo como categoria distinta”.<sup>21</sup>

Um texto muito importante é o de Efésios 1.11: “nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o

---

<sup>20</sup> GRUDEM, Wayne. *Manual de Teologia Sistemática: uma introdução aos princípios da fé cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2001, p. 152.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 153.

conselho de sua vontade”. Esse texto comprova mais uma vez que Deus não muda por causa do homem, mas usa o homem para cumprir os seus propósitos. O texto afirma que é Deus quem opera (produz) todas as coisas, conforme a sua eterna vontade. Tendo mais essa prova bíblica da providência de Deus, com foco especial na concorrência divina, pode-se observar a concorrência divina na criação inanimada e nos seres animados.

É possível afirmar, com base bíblica, que a criação inanimada é usada de maneira providencial por Deus; as estrelas, o sol, a lua, as chuvas, os pastos verdejantes, as pedras etc. são objetos do cuidado de Deus, o Criador. Isto pode ser visto no livro de Jó em seu capítulo 9.7-8. Observa-se neste texto o cuidado de Deus com os astros celestes: “quem fala ao sol, e este não sai, e sela as estrelas; quem sozinho estende os céus e anda sobre os altos do mar”. Comentando sobre a providência de Deus, com foco na concorrência divina sobre os seres inanimados, Heber Carlos de Campos afirma:

Toda criação inanimada é objeto da providência divina. Os céus, a terra e tudo o que nelas há são objetos do cuidado amoroso do criador, vivem debaixo do governo do Criador, são sustentados e preservados pelo Criador de maneira direta ou indireta, isto é, através de leis fixas que ele mesmo criou.<sup>22</sup>

Corroborando com a afirmação de Heber Carlos de Campos, Wayne Grudem mostra como Deus usa a criação inanimada para cumprir o que predeterminou: “Existem muitas coisas na criação que cremos ser meramente ocorrências naturais”.<sup>23</sup> Continua dizendo: “Todavia, a Escritura diz que Deus faz com que elas aconteçam, lemos de relâmpagos e granizo, neve e neblina, vendavais que cumprem o que ele determina”.<sup>24</sup> A concorrência divina também é vista sobre os seres animados. Primeiramente, veremos isso na vida dos seres espirituais, os quais também são alvo da concorrência divina, conforme afirma o Dr. Heber Carlos de Campos: “Os seres espirituais, sejam bons ou maus, são objetos da providência divina. Como criaturas que são não podem agir independentemente de Deus”.<sup>25</sup> Continua sua afirmação: “Portanto, precisam das providências divinas para serem mantidos no estado em que se encontram, a fim de que cumpram os seus propósitos, sejam eles bons ou maus na vida dos homens”.<sup>26</sup>

Um importante exemplo da concorrência divina é encontrado na forma como Deus usa os homens para levar os eleitos a Cristo. Deus usa os homens por meio da pregação para cumprir

---

<sup>22</sup> CAMPOS, Heber Carlos de. *A Providência e sua realização histórica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 65.

<sup>23</sup> Ibid.

<sup>24</sup> GRUDEM, *Manual de teologia sistemática*, p. 153.

<sup>25</sup> CAMPOS, *A providência de Deus*, p. 62.

<sup>26</sup> Ibid.

o seu eterno propósito na vida das pessoas que ele elegeu, tanto para a salvação (graça), como para perdição (juízo).

Em suma, a concorrência divina, pode ser definida nas sábias palavras de Bavinck, comentando uma frase de Agostinho: “Deus de tal modo preserva as coisas e de tal modo age nelas, que elas mesmas trabalham juntamente com ele como causas secundárias. Isso não significa que devemos parar aqui”.<sup>27</sup> Continua afirmando: “Pelo contrário, devemos sempre ascender à causa de toda essência e movimento, e essa causa é somente a vontade de Deus. A natureza de toda coisa particular criada é precisamente aquilo que o Supremo Criador da coisa quis que ela fosse”.<sup>28</sup> Corroborando com a afirmação de Bavinck sobre concorrência, o professor Heber Carlos de Campos comenta: “Quando tratamos a palavra *concursum*, estamos tratando da participação divina em todos os atos e eventos da história, em cooperação com as causas secundárias, que são os seres criados”.<sup>29</sup> Mas é bom salientar que os poderes da natureza e os homens não atuam por si mesmo, são controlados pelo Criador.

A oração é uma das causas secundárias usadas por Deus para o cumprimento de seu eterno propósito. Tanto a oração, como as respostas dadas por meio dela, são decretadas por Deus, antes da fundação do mundo, ou seja, o Deus que decreta os fins, também decreta os meios pelos quais tudo vai acontecer.

---

<sup>27</sup> Ibid.

<sup>28</sup> BAVINCK, *Dogmática reformada*, vol. 2, p. 622.

<sup>29</sup> CAMPOS, *A providência de Deus*, p. 205.



## CAPÍTULO 2 – VISÕES EQUIVOCADAS DA PROVIDÊNCIA DIVINA E DA ORAÇÃO

Muitos teólogos, no decorrer da história da igreja, têm tido grande dificuldade em entender o que é a Soberania Divina, principalmente no que diz respeito ao concurso. Esses teólogos são em sua grande maioria arminianos, que não concordam com o conceito de soberania divina apresentado pelos reformados. Um dos aspectos da visão reformada é que Deus usa as causas secundárias (*concursum*), para cumprir seu decreto (causa primária). Mas, de maneira nenhuma a causa secundária está fora do governo de Deus. Além disso, os reformados, afirmam que Deus pode agir sem o homem. Essa verdade pode ser vista na Confissão de Fé de Westminster:

Pela mui sábia providência, segundo a sua infalível presciência e o livre e imutável conselho de sua própria vontade, Deus, o grande Criador de todas as coisas, para o louvor da glória de sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia, sustenta, dirige, dispõe e governa todas as criaturas, todas as ações delas e todas as coisas, desde a maior até a menor.<sup>30</sup>

A mesma Confissão de Fé de Westminster continua afirmando:

Posto que em relação à presciência e ao decreto de Deus, que é a causa primária, todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente, contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam, necessário, livre ou contingentemente, conforme a natureza das causas secundárias.<sup>31</sup>

Ela continua ainda dizendo que “na sua providência ordinária, Deus emprega meios, todavia, ele é livre para operar sem eles, sobre eles ou contra eles, segundo o seu beneplácito”.<sup>32</sup> Contrastando com a visão reformada da providência divina, os teólogos arminianos, defendem a ideia de que Deus depende do homem para agir, e de maneira nenhuma irá agir sem o homem. Além disso, afirmam que o homem age de maneira autônoma. Nesse sentido, Deus espera a ação do homem para poder agir. Charles Finney, não concordando que Deus é quem governa a ação dos homens, faz a seguinte afirmação: “Parece inadmissível falar de Deus como que decretando as livres ações dos agentes morais, no sentido de fixar, estabelecer, garantir a todos os eventos físicos”.<sup>33</sup> Com essa afirmação, Finney está querendo combater a ideia de um Deus

---

<sup>30</sup> Confissão de Fé de Westminster, 1991, p. 28

<sup>31</sup> Ibid, p. 29.

<sup>32</sup> Ibid, p. 30.

<sup>33</sup> FINNEY, Charles. *Teologia Sistemática*. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2001, p. 633.

que controla as ações dos homens. No capítulo três de sua *Sistemática*, o seu pensamento quanto ao governo de Deus sobre as suas criaturas, fica mais evidente:

O fato de Deus ser o proprietário do universo não é motivo pelo qual deva governá-lo. A menos que para o bem dele mesmo ou para o bem do universo, ou para o bem de ambos, exija-se um governo, a relação de proprietário não pode conferir direito de governar. Nem Deus nem qualquer outro ser pode possuir seres morais, no sentido de ter o direito de governá-los, caso o governo seja totalmente desnecessário e possa resultar em nenhum bem para Deus ou suas criaturas. O governo, em tal caso, seria perfeitamente arbitrário e insensato e, por conseguinte, um ato injusto, tirânico e perverso. Deus não possui tal direito. Não há possibilidade de existir tão direito em hipótese alguma.<sup>34</sup>

Os arminianos não conseguem aceitar que o Deus Criador do universo é quem governa todas as ações de suas criaturas. Não aceitam que Deus pode agir apesar de suas criaturas. Toda essa visão equivocada de providência gera grandes problemas, pois Deus é retratado como dependente do homem, como aquele que espera o que os homens farão para poder agir. Deus ainda é apresentado como aquele que não escreveu toda a história, pois existem coisas que ele não determinou. Essa verdade pode ser vista na afirmação de um arminiano chamado Lucas Banzoli:

De fato, Deus poderia escolher ser soberano determinando tudo, tanto quanto poderia decidir ser soberano sem determinar tudo, mas tendo tudo sob o seu controle. Dizer que somente se Deus determina tudo é que ele pode ser considerado soberano é limitar Deus a tal ponto que ele não poderia ser capaz de criar seres livres e permanecer sendo soberano. Assim sendo, a acusação de nossos oponentes volta-se contra eles mesmos com muito mais força. Se Deus não pode criar seres livres e continuar sendo soberano, então ele não é soberano, mesmo determinando tudo. Mas ele tanto pode como fez, porque soberania não implica em determinar cada ação do homem.<sup>35</sup>

Banzoli tenta desqualificar o fato de Deus ter determinado todas as coisas. Mas, como Deus se faz soberano, deixando a história em aberto e dependendo do homem? A afirmação de Banzoli é incoerente, pois um Deus que não determinou todas as coisas, não pode ser soberano. Um Deus que depende dos homens, também não pode ser soberano. Toda essa visão equivocada dos arminianos, quanto à providência de Deus, levou a um mal entendimento das causas secundárias (*concursum*). Essa visão equivocada é refletida, por exemplo, no conceito que eles têm da oração e que foi passada a outros grupos como pentecostais e neopentecostais.

---

<sup>34</sup> FINNEY, *Teologia sistemática*, p. 55 e 56.

<sup>35</sup> BANZOLI, Lucas Banzoli. *Calvinismo ou arminianismo: Quem está com a razão?* São Paulo: Clube de Autores, 2014, p. 127.

Nesse capítulo, serão tratadas de maneira mais específica as visões equivocadas de oração que aconteceram em decorrência das ideias arminianas. Por este motivo, foi apresentada a visão arminiana de providência. Mas também será tratado de maneira breve o que a Igreja Católica Apostólica Romana pensa a respeito da oração, bem como seus desvios nessa prática. Embora seja mostrada neste capítulo a visão da ICAR,<sup>36</sup> a maior parte do esforço consiste em combater os desdobramentos da visão arminiana de providência que resultaram em pensamentos equivocados do que é a oração. Um desses pensamentos equivocados consiste em afirmar que a oração é um meio de mudar a vontade de Deus na vida dos homens.

## 2.1. VISÃO DA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA DE ORAÇÃO E PROVIDÊNCIA

Como foi falado, este capítulo não tem como objetivo principal combater os desvios católicos quanto a oração e providência de Deus, mas se faz importante mostrar a visão de oração em uma igreja não oriunda da Reforma Protestante. A Igreja Católica Apostólica Romana, em seus catecismos, tem uma visão bem centrada do que é oração. A visão conceitual do que é a oração em grande parte dos pontos do catecismo é correta, como quando falam da oração no livro dos Salmos:

2585 - Desde Davi até a vinda do Messias, os Livros Sagrados contêm textos de oração que atestam o aprofundamento cada vez maior da oração por si mesmo e pelos outros. Os salmos foram pouco a pouco reunidos numa coletânea de cinco livros: os Salmos (ou "Louvores"), obra prima da oração no Antigo Testamento.<sup>37</sup>

A definição de oração apresentada no catecismo também não é equivocada:

2559 "A oração é a elevação da alma a Deus ou o pedido a Deus dos bens convenientes[a3]. De onde falamos nós, ao rezar? Das alturas de nosso orgulho e vontade própria, ou das "profundezas" (Sl 130,1) de um coração humilde e contrito? Quem se humilha será exaltado. A humildade é o fundamento da oração. "Nem sabemos o que seja conveniente pedir" (Rm 8,26). A humildade é a disposição para receber gratuitamente o dom da oração; o homem é um mendigo de Deus.<sup>38</sup>

Embora seja usada a palavra rezar, o conceito de oração apresentado no catecismo católico não está longe da verdade, pois mostra que o homem deve se apresentar a Deus com

<sup>36</sup> Igreja Católica Apostólica Romana.

<sup>37</sup> *Catecismo da Igreja Católica*. Edição Típica Vaticano. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 309.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 305.

humildade, não querendo que Deus faça a vontade do homem, mas orando para que seja feita a vontade de Deus. Querendo mostrar o quão humilde o homem deve ser ao orar, termina esse ponto dizendo que o homem é um mendigo de Deus. Mas esse conceito, em muitos pontos verdadeiro, não é aplicado na prática. Na prática, a oração no meio católico romano clássico é feita de maneira escrita e repetitiva. Nesse sentido, decoram e repetem diversas vezes as mesmas palavras, no intuito do muito pedirem para serem atendidos. A prática da oração repetitiva é combatida pela Bíblia, conforme pode ser visto em Mateus 6:7: “E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão atendidos”.

Outro problema da oração no meio católico é a idolatria. Os católicos, embora muitos digam que não, fazem oração em nome dos santos ou por meio da mediação de santos constituídos pela igreja. Essa verdade é vista de maneira gritante na oração feita a Maria, na qual é pedido que ela rogue pelos pecadores.<sup>39</sup> A Bíblia mais uma vez combate essa prática, conforme pode ser visto em 1 Timóteo 2.5: “Porquanto há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem”.

## 2.2. A VISÃO DA ORAÇÃO COMO UMA AÇÃO SINERGÍSTICA: DEUS DEPENDE DO HOMEM

Para efeito de uma melhor compreensão do que será tratado aqui, é bom esclarecer a afirmação da oração como ação sinérgica. A palavra sinérgica aqui é usada para demonstrar uma ação conjunta e dependente, ou seja, que Deus depende das orações para agir, e que agirá somente depois da oração dos homens, não agindo em hipótese nenhuma sem a oração dos homens. Esta afirmação pode ser vista no livro *A Quarta Dimensão*, de Paul Yonggi Cho, quando diz: “Deus jamais opera por si mesmo, mas somente por nosso intermédio. Deus é a fonte eterna, mas ele somente opera por meio de nossos pedidos”.<sup>40</sup> Paul Yonggi Cho mostra aqui sua influência arminiana, pois acredita que Deus depende do homem para agir. Cho ainda afirma: “Ele é tão poderoso quanto era antes, e depende de você”.<sup>41</sup> Afirmar que Deus depende do homem é distorcer todo o ensino bíblico a respeito do *concursum*.

Outro pastor influenciado pela teologia arminiana é Kenneth Henning, que corrobora o pensamento de Paul Yonggi Cho. Ele acredita que Deus depende do homem para agir. Em seu

---

<sup>39</sup> Reza em nome da Ave Maria.

<sup>40</sup> CHO, Paul Yonggi. *A quarta dimensão*. São Paulo: Editora Vida, 1981, p. 25.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 35.

livro *A Autoridade do Crente*, ele diz que “Jesus falou com ele em uma visão, e nesta visão afirmava que jamais iria agir se o homem não fizesse as coisas”.<sup>42</sup> Essa visão fica mais equivocada quando se observa a seguinte afirmação: “De fato, Cristo não pode fazer Sua obra na terra sem nós!”<sup>43</sup>

Afirmar que Deus pode nos usar é extremamente correto e a fé reformada crê nisso. Dizer que Deus nos leva à oração e usa as nossas orações para cumprir seus propósitos é correto, mas dizer que a oração é um meio de ligar Deus, para que ele possa agir, ou dizer que ele só agirá por meio da oração, é limitar a Deus. Imagine, o tanto de coisas que não são pedidas a Deus e ele por sua eterna providência concede aos seus filhos. A visão distorcida da providência é tão grande que a seguinte afirmação é comum entre eles: “Em outras palavras, Deus condicionou tudo à oração dos crentes, de modo que é por meio dela que Deus opera”.<sup>44</sup> Um leitor mais desavisado pode achar que esta afirmação é correta, mas se olhar o contexto, o autor está dizendo que Deus depende da oração do homem para agir. Mas como age Deus nas coisas que o homem não se lembra de pedir? Como Deus age na natureza sem a oração dos homens? Por este motivo deve-se entender que a oração é de grande importância para a vida do crente, pois Deus mandou que orássemos, mas dizer que Deus só age por meio da oração é errado e contrário as Escrituras, que nos ensina que Deus age por meio de nós e apesar de nós, conforme pode ser visto em Isaías 55.10-11:

Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus, e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a Palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a designei.

Deus deixa bem claro, por meio de sua Palavra, que seu poder não pode ser limitado. Não é o homem quem vai levá-lo a agir, mas ele age de acordo com o conselho de sua vontade. A visão equivocada de providência é gerada por não reconhecerem a soberania de Deus de maneira correta, pois acham que Deus é dependente ou condicionado à vontade do homem para agir. Na verdade, querem comparar Deus ao homem, ou seja, fazer com que Deus seja reduzido à vontade do homem. Esse pensamento, junto com a distorção do conceito de imanência de Deus, pode levar a uma heresia chamada Teísmo Aberto.

---

<sup>42</sup> HAGIN, Kenneth E. *A autoridade do crente*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2002, p. 27.

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 25.

<sup>44</sup> BANZOLI, *Calvinismo ou arminianismo*, p. 142.

Distorcer o conceito de imanência de Deus e aliar isso à teologia arminiana, leva ao teísmo aberto, ou teologia relacional, que ensina, basicamente, que Deus não pode conhecer o futuro e sendo assim não pode determiná-lo, porque isso seria uma afronta à liberdade humana.<sup>45</sup>

### 2.3. ORAÇÃO ANTROPOCÊNTRICA: DEUS COMO SERVO DO HOMEM

Outra visão equivocada da oração, derivada da teologia arminiana, é a oração antropocêntrica. Já que Deus depende do homem para agir e não decreta as causas secundárias, o homem tem autonomia para exigir e até mesmo determinar o que Deus deve fazer para liberar o seu poder.<sup>46</sup> Essa visão coloca Deus como servo do homem, Deus está esperando a ordem ser dada, para poder agir de maneira correta. Os principais equívocos que podem ser destacados aqui são a oração de determinação e a oração com uma fórmula de palavras para dar certo.

A oração de determinação tem como um dos principais expoentes um pastor chamado Kenneth E. Hagin, que em seu livro *O nome de Jesus* faz a seguinte afirmação: “As pessoas têm concordado em ficar sem resposta à oração, dizendo: Decerto, não era a Sua vontade, porque Ele não o fez. Se tivesse sido a Sua vontade, Ele o teria feito”.<sup>47</sup> Segundo ele, Deus sempre responde às orações do jeito que o homem quer. Quando a oração não é respondida da maneira que pedimos, é porque não determinamos, mas dizemos que seja feita a vontade de Deus. O Deus apresentado por Kenneth Hagin é um Deus que não tem vontade, mas espera a vontade do homem para agir. Hagin afirma:

Portanto, as possibilidades abrangidas neste Nome estão além do nosso entendimento, e quando Ele diz à igreja: “Qualquer coisa que porventura pedirem ao Pai em Meu Nome”, Ele está nos dando um cheque assinado cobrável aos recursos do céu, e nos convida a preenchê-lo.<sup>48</sup>

Interpretando de maneira completamente equivocada esse texto, ele diz que Deus está no céu e nos deu carta branca para pedirmos o que quisermos, e por isso responderá às nossas orações sempre da maneira como pedimos. Essa visão é completamente equivocada, pois não levou em conta que as nossas orações serão respondidas conforme a vontade do Senhor.<sup>49</sup>

<sup>45</sup> COSTA, Hermisten Maia Pereira. “Deus, igual a nós”. *Revista Palavra Viva*. Vol. 1, nº 62 (jul./set. 2015), São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 19.

<sup>46</sup> O poder em questão aqui é o poder do todo-poderoso Senhor Criador do Universo.

<sup>47</sup> HAGIN, Kenneth E. *O nome de Jesus*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2002, p. 7.

<sup>48</sup> Ibid.

<sup>49</sup> Cf. Mateus 6.

A confissão positiva, ensinada por Hagin, influenciou vários pastores. Um deles é um famoso pastor brasileiro que aprendeu a determinar em suas orações por meio do livro *O nome de Jesus*, de Kenneth E. Hagin. Esse pastor se chama R. R. Soares, que em seu livro *Como tomar posse da bênção* faz a seguinte afirmação: “Certa ocasião, li o livro O Nome de Jesus de Kenneth E. Hagin. Acabei de lê-lo em 02 de dezembro de 1984 e desde então jamais tomei um comprimido sequer [...]”.<sup>50</sup> Aqui R. R. Soares mostra como mudou a sua convicção a respeito da oração. Até aqui ele orava para que a vontade de Deus fosse feita em sua vida, mas depois entendeu que era por meio da determinação que as coisas aconteceriam. Depois disso começou a determinar a cura e tudo começou a acontecer.

Essa visão influenciou tanto o seu ministério, que começou a afirmar coisas absurdas sobre a oração. A oração na visão deste homem é um meio de dar ordens a Deus, para que as coisas aconteçam, como fica explícito na seguinte afirmação: “Não precisamos pedir ao Senhor a bênção, mas exigir que ela se manifeste em nossa vida. Nesse ponto reside praticamente metade do segredo do sucesso na vida espiritual”.<sup>51</sup> R. R. Soares afirma ainda que a oração de súplica é desnecessária, pois o crente não deve suplicar e sim exigir. Afinal a bênção já foi dada, conforme pode ser visto em suas palavras:

O cristão não precisa ficar orando, suplicando ao Senhor que o cure ou lhe dê sucesso, prosperidade ou vitória sobre as tentações. Tudo o que tem que fazer é exigir que o mal saia da sua vida, determinando assim a bênção. Quando digo que não precisamos pedir a cura, por exemplo, eu não me estou colocando contra as orações.

A visão de Deus como servo inverte o sentido das coisas, pois o homem passa a ser o todo-poderoso, que exige que as coisas aconteçam como ele quer e não como Deus quer que aconteçam. Essa visão de Deus como servo pode ser percebida também nos escritos de Valnice Milhomens, que infelizmente é uma grande influenciadora das massas. Milhomens defende que a “oração de autoridade é o poder ou direito de comandar ou agir, domínio ou controle. No grego a palavra é *exousia*, que significa a habilidade ou força com que é revestido e direito de exercer aquele poder”.<sup>52</sup> Ela diz que essa autoridade está no nome de Jesus, mas cai no mesmo erro dos outros defensores da confissão positiva. O nome de Jesus tem poder, mas isso não quer dizer que Deus vai fazer o que eu quiser por meio da oração, pois o que sempre permanece em nossas vidas é a soberana vontade de Deus. O problema é que usam o nome de Jesus querendo que a vontade do homem seja feita, e não a vontade de Deus.

---

<sup>50</sup> SOARES, R. R. *Como tomar posse da bênção*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2004, p. 15.

<sup>51</sup> Ibid.

<sup>52</sup> MILHOMENS, Valnice. *O poder da intercessão*. 3 ed. São Paulo: Palavra da Fé Produções, 1998, p. 140.

Outro equívoco que pode ser mencionado é a crença de que uma oração será respondida se atender a uma forma de palavras. Um livro muito vendido que prega essa ideia é *A Oração de Jabez*”, de Bruce Wilkinson. Esse autor defende que o segredo da oração está em uma fórmula correta e, para comprovar, usa o exemplo de Jabez, dizendo que se a oração for feita naquele modelo será atendida. Essa verdade é expressa na seguinte afirmação:

Peguei a minha Bíblia e li o versículo 10 – a oração de Jabez. Alguma coisa naquela oração explicaria o mistério. Tinha que ser assim. Puxei uma cadeira, sentei-me à mesa, debrucei-me sobre a Bíblia e li a oração diversas vezes, procurando de todo o coração descobrir qual era o futuro que Deus tinha reservado para uma pessoa como eu, que era tão comum? Na manhã seguinte, fiz a oração de Jabez, repetindo palavra por palavra. Na outra manhã, a mesma coisa. No dia seguinte, idem. Trinta anos se passaram e não parei de fazê-la. [...] Quero prepará-lo para receber respostas impressionantes, vindas de Deus, como algo constante em sua vida.<sup>53</sup>

Wilkinson quer ensinar aos seus leitores que a fórmula do sucesso na oração e na vida espiritual está em repetir a oração feita por Jabez, ou seja, Deus vai ter que lhe responder, pois respondeu a Jabez, quando usou essas palavras. O ensino de Wilkinson nesse livro é completamente equivocado. O teólogo reformado Heber Carlos Campos Júnior escreveu uma resenha mostrando os equívocos do livro *A Oração de Jabez*. Campos Júnior faz uma crítica a esse livro nas seguintes palavras: “Wilkinson pinta a vida cristã de forma parcial, pois fala da oração de Jabez trazendo bênçãos e ministério cada vez mais crescente e, no entanto, nem se mencionam as dificuldades reais na vida do crente que deveriam levá-lo à oração”.<sup>54</sup>

Outro que defende a existência de uma fórmula de sucesso para que a oração seja respondida é Paul Yonggi Cho. Em seu livro *A quarta dimensão* ele faz a seguinte afirmação: “Sim, esse é o seu problema, o problema de todos os meus outros filhos. Imploram exigindo todo o tipo de coisas, mas o fazem com termo tão vago que não posso responder”.<sup>55</sup> A fórmula proposta por Cho para a oração dar certo consiste em pedir de maneira específica. Assim, se você quer um carro, deve pedir e falar qual o modelo, a cor e o nome do carro. Caso contrário, Deus pode correr o risco de lhe responder de maneira errada,<sup>56</sup> mas orando de maneira específica Deus vai lhe responder. Essa visão mais uma vez limita Deus. Deus é tão fraco que pode se enganar ao nos enviar a bênção.

<sup>53</sup> WILKINSON, Bruce. *A oração de Jabez*. São Paulo: Editora Novo Mundo, 2002, p. 4.

<sup>54</sup> CAMPOS JÚNIOR, Heber Carlos de. Resenha do livro *A oração de Jabez* de Bruce Wilkinson. *Fides Reformata*, vol. VIII, nº 1 (2003), p. 152.

<sup>55</sup> CHO, *A quarta dimensão*, p. 19.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 20.



O problema da oração de determinação e com a fórmula de sucesso é que Deus se torna servo do homem, a fonte de poder é invertida, não é Deus quem concede aos homens bênçãos, segundo a sua vontade, mas é o homem que diz a Deus o que deve ser dado, isso por meio da determinação e por meio da fórmula de sucesso. Dessa maneira, Deus não é soberano e muda de acordo com a vontade do homem. A oração neste contexto é vista como um meio de mudar a vontade de Deus, pois Deus espera os homens pedirem para poder agir. Entretanto, o ensino bíblico é de um Deus que usa os homens por meio da oração, para cumprir seus eternos propósitos.

#### 2.4. ORAÇÃO COMO UM MEIO DE MUDAR A VONTADE DE DEUS

Todas as visões narradas neste capítulo partem do pressuposto de que a oração muda a vontade de Deus. Os católicos creem que pelo seu muito pedir a vontade de Deus será mudada. Aqueles que pensam que a oração é um meio de ajudar a Deus também partem do mesmo pressuposto. Se Deus só age através de nós, então pode-se mudar a vontade de Deus. Aqueles que agem como se Deus fosse seu servo, e então determinam para Deus, também creem que Deus irá mudar os seus propósitos, uma vez que Deus fará no final a vontade do homem, pois esse tem o poder de determinar. Deus poderia até mesmo ter outra vontade, mas a partir do momento em que o homem determina, ele esquece a sua vontade e faz a vontade do homem.

Essa crença de que a oração é um meio de mudar a vontade de Deus infelizmente é muito comum nos círculos arminianos, pentecostais e neopentecostais. Por isso, fazem campanhas de sete sextas-feiras e creem que agora a vontade de Deus será mudada, pois fizeram sacrifícios. E se esquecem que caem no mesmo pecado dos católicos romanos, que creem que pelo seu muito pedir serão ouvidos.

Segundo os arminianos, Deus não determinou todas as coisas, sua vontade pode mudar. A oração então é um meio de mudar a vontade de Deus. Deus espera a oração e depois vê o que é melhor.

Um teólogo arminiano, mostrando total desconhecimento da teologia calvinista, faz uma crítica à crença dos reformados de que a oração não muda a vontade de Deus, usando os seguintes argumentos:

Eu suponho que você tenha parentes ou amigos não-convertidos, que você deseja a salvação. Muitas vezes essas pessoas estão distantes e você não pode pregar o evangelho pessoalmente. O que você faz? Você ora. Você pede para Deus abrir a mente e o coração dessa pessoa, para que ela possa reconhecer e receber a luz do evangelho da glória de Cristo. Mas a sua oração em nada importa. Se Deus determinou

que ela se salvaria, ela se salvará, você orando ou não. E se Deus determinou que ela se perderia, ela se perderá e ponto final. Sua oração é inútil. Não muda nada.<sup>57</sup>

Em suma, na visão arminiana, Deus muda de vontade por causa da oração. O problema dos arminianos e de todos os influenciados por essa teologia é que não reconhecem a soberania de Deus de maneira completa. Nenhum calvinista verdadeiro irá dizer que a oração não serve para nada, mas irão dizer que Deus nos usa por meio da oração (causa secundária), para que seus propósitos eternos sejam cumpridos. Deus pode agir apesar de nós. Essa crença de que a oração muda a vontade de Deus pode ser diagnosticada na seguinte afirmação:

Eu sinceramente não consigo pensar em um mundo assim, onde a oração tem tão pouco valor – na verdade, não tem nenhum. Tudo o que foi decretado irá acontecer e tudo o que não foi decretado não irá acontecer, e isso independentemente se você orou arduamente todos os dias ou se você nunca orou nada. Não é a sua oração que muda as coisas, porque as coisas não podem ser mudadas. A oração, então, seria tão útil quando falar com a parede. Falar com a parede não irá mudar as coisas, a oração também não.<sup>58</sup>

Essa afirmação é mais grave ainda, pois mostra um Deus que depende do homem, um Deus que não age de acordo com os seus decretos, ou seja, um Deus semissoberano que pode ser manipulado de acordo com a vontade do homem. Essa visão é tão ruim, pois Deus não tem a história do homem escrita. Contudo, a Bíblia mostra um Deus que escreveu toda a nossa história, e determinou cada evento da vida de todos os homens, conforme registrado no Salmos 139:16: “Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda”. Não aceitar que Deus determinou todas as coisas é estar contra a Palavra de Deus. Dizer que Deus muda a sua vontade por meio da oração é uma violação de um dos seus atributos, a imutabilidade.

Os que afirmam que Deus muda de vontade, por causa da oração, usam textos bíblicos para afirmar a sua tese. Esses textos são aqueles nos quais aparentemente Deus mudou devido à oração dos homens. Pode-se destacar o texto de 2 Reis 20:1-11, em que o rei Ezequias ora e Deus lhe concede mais quinze anos de vida, e o texto de Êxodo 32:1-14, em que Moisés intercede pelo povo e Deus se arrepende de destruir o povo. Mas os que interpretam que Deus mudou de vontade, com base nestes textos, interpretam essas passagens de maneira

---

<sup>57</sup> BAZZOLI, *Calvinismo ou arminianismo*, p. 135.

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. 136.

completamente equivocada. O que acontece nesses textos é que Deus está usando esses homens por meio da oração para que seus eternos propósitos se manifestem na vida deles, Deus não mudou sua eterna e soberana vontade.

A ideia de que Deus muda por meio da oração é vista na afirmação de um dos maiores pastores pentecostais do Brasil. Silas Malafaia afirma: “O homem de Deus é identificado por meio de sua submissão às leis divinas e às leis terrenas. Ele há de reluzir como astro no meio das trevas do pecado, e a sua oração certamente será ouvida e poderá até mudar o propósito do Senhor”.<sup>59</sup> Essa afirmação mostra mais uma vez o homem influenciando Deus. Segundo essa afirmação, Deus não é soberano.

Esse pensamento de que a oração muda a vontade de Deus ainda é visto na afirmação de Valnice Milhomens: “A oração de petição é uma oração de fé, acompanhada, portanto, da certeza de que o que será motivo de petição encontrará uma resposta positiva de Deus”.<sup>60</sup> À primeira vista não há nada de errado nessa afirmação, mas quando se olha o seu contexto pode-se ver que, segundo a visão de Milhomens, Deus sempre responderá de maneira positiva a oração. Nesse sentido não é a vontade de Deus o foco da oração, mas o que eu quero. Mas a pergunta é: E se a petição não estiver dentro da vontade soberana de Deus? E Paulo quando ora para que Deus lhe tire o espinho na carne, não orou com fé? Paulo ora com fé, mas Deus não queria curá-lo e disse que a graça de Deus lhe bastava.<sup>61</sup>

A visão de que Deus muda de vontade por causa da oração é antíbíblica e totalmente equivocada. Além disso, dizer que o fato de Deus não mudar de vontade por causa da oração faz da oração desnecessária e não importante demonstra quão rasos esses homens são quanto ao conceito de soberania de Deus. A oração não foi dada ao homem para mudar a vontade soberana de Deus. Essa verdade pode ser vista quando Jesus ora no Getsêmani, conforme registrado em Lucas 22.41-42.

Mais argumentos comprovando que a oração não é um meio de mudar a vontade de Deus serão apresentados no próximo capítulo. E assim poderá ser vista a visão bíblico-reformada a respeito da providência de Deus e da oração.

---

<sup>59</sup> MALAFAIA, Silas. *A oração que mudou o propósito de Deus*. Revisado em abr. 2013. Disponível em: <<http://www.verdadegospel.com>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

<sup>60</sup> MILHOMENS, Valnice. *Tipos de oração*. 3 ed. São Paulo: Palavra da Fé Produções, 1993, p. 75.

<sup>61</sup> Cf. 2 Coríntios 12.7-12.

### CAPÍTULO 3 – VISÃO BÍBLICO-REFORMADA DA DOCTRINA DA PROVIDÊNCIA E DA ORAÇÃO

No capítulo dois, pôde-se observar algumas visões equivocadas a respeito da oração e da providência. Mas uma pergunta pode surgir na mente dos leitores: se a oração repetitiva é errada, se a oração como uma ação sinérgica é errada, se a oração antropocêntrica é errada e Deus não depende de nós para fazer nada, então qual é o conceito bíblico de oração e providência? Calvino responde a essa pergunta em seu “Livro de ouro da oração”:

A necessidade e a utilidade deste exercício de oração nenhuma palavra pode expressar de modo suficiente. Seguramente, não é sem razão que nosso Pai celestial declara que a única segurança de nossa salvação está em invocarmos o nome do Senhor (Jl 2,32); visto que, por ela invocamos a presença de sua providência para que nos assista, cuidando e provendo o quanto nos é necessário; e por seu poder e virtude, com os quais nos sustém, quando fracos e desfalecidos, para que por meio de sua bondade recebamos graciosamente, embora estejamos miseravelmente sobrecarregados de pecados; em uma palavra, invocamo-lo para que ele manifeste a nós em toda a sua perfeição.<sup>62</sup>

Calvino, por meio dessa declaração, expressa qual é o devido lugar do homem, pois afirma que não existem palavras para expressar o quanto dependemos de Deus. Mostra ainda que a única segurança que se pode ter vem do próprio Deus. Desse modo, por meio da oração, o filho de Deus se coloca no cuidado da perfeita providência de nosso Deus, que nos sustenta mesmo mediante nossas fraquezas e pecados.

Corroborando com Calvino, O Catecismo Maior de Westminster, em sua pergunta 178 afirma: “O que é a oração? Resposta: É um oferecimento dos nossos desejos a Deus, no nome de Cristo, com o auxílio do Espírito Santo, com a confissão dos nossos pecados e o grato reconhecimento de Suas misericórdias”.<sup>63</sup>

Em 1 João 5.14, Deus nos mostra uma grande verdade a respeito da oração: “E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve”. O apóstolo João, inspirado pelo Espírito Santo de Deus, mostra que a oração não é um meio de mudar a vontade de Deus, mas um meio gracioso, no qual a vontade de Deus se manifesta na vida de seus filhos, pois as orações serão respondidas não do jeito que o homem quer, mas segundo o conselho da vontade de Deus.

---

<sup>62</sup> CALVINO, João. *O livro de ouro da oração*. Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2003, p. 16.

<sup>63</sup> VOS, Johannes Geerhardus. *Catecismo Maior de Westminster Comentado*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2007, p. 575.

Mateus 6.10 Afirma: “venha o teu reino faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”. Herminsten Costa explica esse texto da seguinte forma: “A oração não é uma tentativa de mudar a vontade de Deus, mas sim a manifestação sincera do nosso desejo de submeter-lhe os nossos projetos, aspirações, sonhos e necessidades”.<sup>64</sup> Mais uma vez pode-se ver que a oração não muda a vontade de Deus, mas leva seus filhos a invocar a Deus para que sua vontade soberana se manifeste em suas vidas. O reformador João Calvino, nas *Institutas da Religião Cristã*, também comenta o texto de Mateus 6:10:

E de novo, com esta prece, somos induzidos à negação de nós *mesmos*, para que Deus nos reja conforme seu arbítrio. Não só isto, mas também que, com *nossa mente e coração* reduzidos a nada, Deus crie em nós mente nova e coração novo, para que não sintamos em nós qualquer sussurro de desejo senão a pura concordância à sua vontade. Em suma, que *nós* mesmos não queiramos algo propriamente nosso; ao contrário disso, que seu espírito nos governe o coração para que, *ele* nos ensinando anteriormente, aprendamos a amar as *coisas* que lhe são deleitáveis; contudo, odiando *as* que *lhe* agradam. Do quê também procede isto: que todos e quantos sentimentos se opõem à sua vontade, a esses torne-os vãos e sem efeito.<sup>65</sup>

É bom destacar ainda que: “A *oração do Senhor* nos ensina a pedir a Deus que realize a Sua vontade aqui na terra como é feita no céu”.<sup>66</sup> Costa continua dizendo: “Oramos para que a vida na terra se aproxime o máximo possível a do céu, onde os anjos cumprem perfeitamente a vontade de Deus (Sl 103.21)”.<sup>67</sup>

A oração dos servos de Deus não pode em hipótese nenhuma fazer com que a vontade de Deus seja mudada. Ainda é importante salientar que Deus pode agir independentemente do homem,<sup>68</sup> ou seja, Deus não é dependente das orações para que sua providência se manifeste.

No decorrer deste capítulo, poderá ser vista de maneira mais detalhada a visão bíblico-reformada de oração e providência. Depois das definições bíblicas de oração e providência, é importante observar o que a teologia reformada fala a respeito da oração e da providência de Deus. O destaque que se dá a essa teologia é porque ela se encontra dentro dos padrões bíblicos mencionados acima.

### 3.1. TEOLOGIA REFORMADA DA ORAÇÃO E DA PROVIDÊNCIA

<sup>64</sup> COSTA, Hermisten Maia Pereira. “A Providência de Deus e a Oração de Seus Servos”. *Revista Teológica Pensador Cristão*. Maringá: Escola Teológica Pensador Cristão, vol. 1, nº 15 (jan./abr. 2003), p. 10.

<sup>65</sup> CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*: edição clássica. 2ª. ed. Vol. 3. Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 370.

<sup>66</sup> COSTA, “A providência de Deus”, p. 10.

<sup>67</sup> *Ibid.*

<sup>68</sup> *Confissão de Fé de Westminster*, 1991, p. 30.

A teologia reformada defende que Deus não muda de vontade por causa da oração. Afirma ainda que as orações são causas secundárias, usadas por Deus para que o eterno propósito, decretado antes da fundação do mundo, se cumpra. O reformador Calvino defende essa visão em sua obra *Institutas da Religião Cristã* quando comenta sobre Mateus 6:10:

Mas, todas essas *coisas*, embora não *as* cogitando, nem *as* desejando, nem *as* pedindo, não obstante hajam de ocorrer a seu tempo, no entanto devem ser por nós desejadas e suplicadas. E fazer isso não é de forma alguma pouco importante, como por esse meio nos atestemos e professemos ser servos e filhos de Deus, quanto em nós está, nos esforçando e verdadeira e profundamente nos devotando a sua honra, o que se deve ao Senhor e Pai. Daí aqueles que não oram com esse sentimento e empenho de promover a glória de Deus, que o nome de Deus seja santificado, que seu reino venha, que sua vontade seja feita esses nem mesmo devem ser tidos entre os filhos e servos de Deus; e como todas essas *coisas* lhes acontecerão a contragosto seu, assim redundarão em confusão e ruína.<sup>69</sup>

Ao comentar Mateus 6.10, Calvino afirma que o modo de orar é saber que Deus fará a sua vontade. Mostra ainda que aqueles que oram sem ter essa convicção não podem nem mesmo ser contados entre os filhos e servos de Deus. Na visão de Calvino, um filho de Deus nunca ora na perspectiva de mudar a vontade de Deus e se assim o faz, não é filho de Deus. A convicção de Calvino é muito clara: Deus é imutável, mesmo diante da oração.

Muitas das visões equivocadas da oração consistem na falta de conhecimento de quem é Deus. Deus é soberano e, como soberano, cumpre o plano que estabeleceu e não os planos que os homens estabelecem.<sup>70</sup> Deus está cumprindo na história da Humanidade aquilo que ele mesmo decretou antes da fundação do mundo. Por este motivo, até o fato de se orar por alguma coisa está dentro do plano que Deus estabeleceu. É Deus quem leva o homem à oração, essa é uma ação monergística de Deus. Só se ora porque Deus levou seus filhos à oração. A fé reformada crê que a oração é uma causa secundária, usada por Deus para que seus eternos propósitos sejam cumpridos. O teólogo reformado Douglas Kelly faz a seguinte afirmação:

Só então podemos estar prontos para saber o que significa orar para que a vontade de Deus seja feita e para que o seu reino venha. O Deus soberano, em seu trono, que tem planejado todas as coisas do começo ao fim, tem ordenado o seu plano de tal modo que as orações dos santos são um dos maiores meios que ele usa para realizar seu objetivo final.<sup>71</sup>

---

<sup>69</sup> CALVINO, *As Institutas da Religião Cristã*, p. 369.

<sup>70</sup> KELLY, Douglas. *Se Deus já sabe, por que orar?* Trad. Elizabeth Zekveld Portela. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 56.

<sup>71</sup> *Ibid.*, p. 62.

Kelly demonstra que as orações, são usadas por Deus, para o cumprimento do plano final estabelecido por ele mesmo. “O fato de Deus, algumas vezes, levar-nos a orar [...]”.<sup>72</sup> Deus está cumprindo seus planos e ele mesmo faz com que seus filhos orem para que esse plano se realize. Corroborando com Kelly, o reformado A. W. Pink afirma: “A oração faz com que percebamos quão pequenos e fracos somos, e quão grande é Deus. A oração é um dom de Deus para o seu povo, a fim que eles lhe peçam as coisas que Deus tem determinado”.<sup>73</sup> Continua dizendo: “As orações dos crentes formam parte do plano de Deus para efetuar os Seus propósitos eternos”.<sup>74</sup>

O Deus narrado nas Escrituras é um “Deus que tem autoridade sobre todas as coisas”.<sup>75</sup> “Minha confiança no futuro descansa em minha confiança no Deus que controla a história”.<sup>76</sup> Os filhos de Deus podem descansar, pois o Deus soberano cumprirá a sua vontade eterna e não a vontade do homem, contaminada pelo pecado. Depois de se chegar ao entendimento de que a oração não muda a vontade de Deus, uma pergunta surge nas mentes mais curiosas. Se Deus é soberano e já determinou todas as coisas, por que se deve orar? A resposta a essa pergunta pode ser vista na afirmação de João Calvino:

Mas alguém dirá: porventura *Deus* sabe, mesmo sem que o lembre, não apenas em que aspecto estamos sendo pressionados, como também o que nos é conveniente, de sorte que possa parecer de certo modo supérfluo que *ele* seja incomodado por nossas orações, como se tivesse de olhos cerrados, ou mesmo a dormir, até que seja despertado por nossa voz? *Aqueles* que, porém, assim raciocinam, não atentam para que fim o Senhor instruiu os seus a orar, pois não ordenou isso propriamente por sua própria causa, mas, antes, pela nossa. Na verdade, por ser justo, *Deus* quer que lhe seja conferido seu direito, enquanto se lhe dá crédito de tudo quanto os homens anelam e sentem contribuir-lhes para o proveito, e fazem isto compelidos por *suas* preces. Mas todo o proveito deste sacrifício com o qual é honrado também reverte sobre nós. Daí os santos patriarcas, quanto mais confiadamente exaltavam os benefícios de Deus em relação a eles mesmos, e em relação aos outros, tanto mais ardentemente eram incitados a orar.<sup>77</sup>

Corroborando com a afirmação de Calvino, o presbiteriano R. C. Sproul afirma: “Oramos para glorificar a Deus, mas também oramos para receber de suas mãos os benefícios da oração. A oração é para o nosso benefício, mesmo à luz do fato de que Deus sabe o fim desde o começo”.<sup>78</sup> A vontade de Deus jamais vai mudar, pois ele não muda. As orações feitas pelo

<sup>72</sup> Ibid., p. 63.

<sup>73</sup> PINK, *Deus é soberano*, p. 125.

<sup>74</sup> Ibid.

<sup>75</sup> SPROUL, R. C. *A oração muda as coisas?* São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2012, p. 13.

<sup>76</sup> Ibid.

<sup>77</sup> CALVINO, *As Institutas da Religião Cristã*, vol. 3, 2006, p. 318 e 319.

<sup>78</sup> SPROUL, *A oração muda as coisas?*, p. 18.

povo de Deus são um dos meios (causas secundárias) pelo qual Deus age neste mundo. O próprio Deus nos levará à oração.<sup>79</sup>

Falando sobre oração e soberania de Deus, Terry Johnson faz a seguinte afirmação: “Muito do ensino popular sobre a oração é essencialmente errôneo. Alguns deles apresentam a oração como um tipo de instrumento para dobrar Deus, ‘minha vontade, não a tua, oh Senhor’”.<sup>80</sup> Johnson faz uma crítica àqueles que pensam que a oração é um poder dado ao homem para mudar a vontade Deus. A oração muda o homem, mas não Deus.<sup>81</sup> A oração nos molda à vontade soberana de Deus. O temor a Deus é aumentado quando se compreende a dimensão do controle de Deus sobre a criação.

A má compreensão da oração e da providência de Deus é muito perigosa, pois também leva a um entendimento errado de quem é Deus. Afirmar que Deus depende de nossas orações é totalmente incoerente. Deus não depende de ninguém, ele é autoexistente e suficiente. É o homem que depende dele em todos os momentos. Pensando sobre oração, Sproul faz a seguinte afirmação: “Ele não reúne informações novas de nossa parte que já não tenha. Não somos seus assistentes de pesquisa que colhem informações para ele porque delas necessita”.<sup>82</sup> Continua dizendo: “Ele sabe o que precisamos antes de lhe falarmos e sabe, até mesmo, o que estamos para lhe dizer antes de pronunciarmos uma palavra em oração”.<sup>83</sup> Essa verdade é expressa no Salmo 139.1-4 que diz:

SENHOR, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos. Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos. Ainda a palavra não me chegou à língua, e tu, SENHOR, já a conheces toda.

A Palavra de Deus ensina que Deus não depende do homem, mas o homem é quem depende de Deus para tudo. Essa verdade é expressa em Atos 17.24-25:

O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais.

---

<sup>79</sup> Ibid., p. 21.

<sup>80</sup> JOHNSON, Terry. *A doutrina da graça na vida prática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 153.

<sup>81</sup> Ibid., p. 156 a 163.

<sup>82</sup> SPROUL, R. C. *A mão invisível: todas as coisas realmente cooperam para o bem?* São Paulo: Bom Pastor Editora, 2001, p. 264 e 265.

<sup>83</sup> Ibid., p. 266.



O autor Vincent Cheung, ao comentar o texto de Atos 17.24-25, faz a seguinte afirmação: “Assim, um ministro dizer, Deus precisa de você ou qualquer coisa do gênero, implica uma contradição direta às Escrituras. Deus é autossuficiente e todo-suficiente”.<sup>84</sup> Continua dizendo: “Precisamos dele para tudo, mas ele não precisa de nós para nada”.<sup>85</sup> Deus nos ordena orar, se negligenciarmos a oração estaremos em pecado. “No entanto, isso não significa que a nossa falha em orar atrapalhe seus planos. Ele não precisa de nossas orações”.<sup>86</sup> Deus pode agir a qualquer hora, independentemente das orações. Ele pode agir por meio do homem, mas também pode agir apesar do homem, pois ele é Deus.

A grande verdade é que Deus possui soberania absoluta, por este motivo determina todas as coisas e faz com que todas as coisas ocorram da maneira que ele determinou. Para isso muitas vezes usa os seres humanos, por meio de suas orações (causa secundária), mas isso não quer dizer que ele dependa dos homens.<sup>87</sup> Cheung expressa uma visão reformada de oração nas seguintes palavras: “Também, a oração não muda Deus, pois ele é imutável em todos os seus atributos e decretos, e determinou na eternidade tudo aquilo que fará”.<sup>88</sup>

Jerry Bridges apresenta uma definição de oração que expressa a profundidade do pensamento reformado: “A oração é o reconhecimento da soberania de Deus e de nossa dependência dEle agir em nosso favor”.<sup>89</sup> Quando o servo de Deus ora, ele não pode ter em sua mente a esperança de que a vontade de Deus sobre a sua vida será alterada, mas sim, reconhecer que Deus fará em sua vida o que é melhor, pois ele é Deus.

Em suma, pode-se afirmar que o mesmo Deus que decreta todas as coisas, também decreta os meios pelos quais tudo acontece, ou seja, o Deus que decreta os fins, também decreta os meios. A oração nesse sentido é uma causa secundária determinada por Deus para que o seu decreto seja cumprido, mas Deus pode agir apesar das orações. Deus pode agir de maneira mediata e imediata conforme o conselho de sua própria vontade.

A oração está relacionada com a providência de Deus. Se por um lado, não podemos delimitar a ação de Deus às nossas orações, por outro, devemos estar atentos ao fato de que Deus nos abriu a porta da oração a fim de exercitarmos a nossa fé em paciente submissão. Entendemos que as nossas orações quando feitas por um motivo justo, através de Cristo e, partindo de um coração sincero, fazem parte da execução do plano de Deus.<sup>90</sup>

<sup>84</sup> CHEUNG, Vincent. *Oração e revelação*. Brasília: Editora Monergismo, 2009, p. 69.

<sup>85</sup> Ibid.

<sup>86</sup> Ibid., p. 70.

<sup>87</sup> Ibid.

<sup>88</sup> Ibid., p. 71.

<sup>89</sup> BRIDGES, Jerry. *Confiança em Deus: Mesmo quando a vida nos golpeia, aflige e fere*. São Paulo: Nutra Publicações, 2013, p. 132.

<sup>90</sup> COSTA, “A providência de Deus”, p. 10.

“Graças a Deus porque todos nós, em Cristo, temos o Espírito de oração (Zc 12.10), porque sem ele jamais poderíamos orar de modo aceitável ao Pai”.<sup>91</sup>

### 3.2. INTERPRETAÇÃO BÍBLICA DE TEXTOS QUE FALAM SOBRE O ARREPENDIMENTO DE DEUS

Muitos dos que acreditam que a oração é um meio de mudar a vontade de Deus, usam de maneira equivocada textos que falam do arrependimento de Deus para reforçar a tese de que estão certos.

A pergunta que vem à mente é: qual é a interpretação correta dos textos que falam sobre o arrependimento de Deus? Será que o Deus soberano pode se arrepender? Quando a Bíblia fala sobre o arrependimento de Deus é usada uma linguagem denominada antropopatia. Nesse sentido são atribuídos a Deus sentimento humanos para que se possa compreender melhor o que está acontecendo.

Contudo, Deus não se arrepende de nada, pois ele é soberano e os seus decretos permanecem. Deus está cumprindo o plano que estabeleceu antes da fundação do mundo, por este motivo jamais se arrependerá de nada. Então, quando a Bíblia fala sobre o arrependimento de Deus, apenas está sendo usado um recurso linguístico e literário. Corroborando com essa afirmação, R. C. Sproul afirma:

A Bíblia não diz, várias vezes, que Deus se arrepende? Sim, o Antigo Testamento certamente diz isso. O livro de Jonas nos diz que Deus se arrependeu do julgamento que planejara para o povo de Nínive (Jn 3.10). Por usar o conceito de arrependimento nesta passagem, a Bíblia está descrevendo a Deus, que é Espírito, naquilo que os teólogos chamam de antropopatia.<sup>92</sup>

Os dois textos mais usados por aqueles que acreditam que Deus muda de vontade por causa da oração são Êxodo 32.7-14 e 2Reis 20.1-11. O texto de Êxodo 32.7-14 trata do momento em que o povo de Deus se corrompeu, construindo um bezerro de ouro para adoração. Deus então pronuncia uma sentença de morte contra o povo, mas Moisés intercede em favor dos seus. O versículo 14 diz: “Então, se arrependeu o SENHOR do mal que dissera havia de fazer ao seu povo”. O texto de 2Reis 20.1-11 trata de uma passagem também muito conhecida.

---

<sup>91</sup> COSTA, Hermisten Maia Pereira. “O Espírito Santo: o Mestre da oração”. *Revista Teológica Pensador Cristão*. Maringá: Escola Teológica Pensador Cristão, vol. 1, nº 11 (maio/ago. 2002), p. 15.

<sup>92</sup> SPROUL, *A oração muda as coisas?*, p. 20.

Nessa passagem é registrada a sentença de morte que o Senhor pronuncia sobre Ezequias por meio do profeta Isaías, mas Ezequias ora e Deus muda o que havia falado e lhe concede mais quinze anos de vida.

Pode-se observar nessas duas passagens que aparentemente Deus mudou de vontade por meio da oração, mas isso entraria em contradição com dois textos que afirmam que Deus não se arrepende. O primeiro é Números 23.19, que diz: “Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá”. O segundo texto é 1Samuel 15.29, que afirma: “Também a Glória de Israel não mente, nem se arrepende, porquanto não é homem, para que se arrependa”. Como a Bíblia mostra nesses dois textos, Deus jamais muda de vontade, pois a sua vontade decretada antes da fundação do mundo é perfeita.

Mas uma pergunta ainda pode estar na mente do leitor. Como explicar o fato de Deus ter voltado atrás na sentença que havia pronunciado? O que está acontecendo nesses dois textos é que Deus usa a oração como uma causa secundária, para que a causa primária seja manifestada.

Nesse sentido, tanto Moisés como Ezequias estão sendo levados pelo próprio Deus a orar. O decreto eterno de Deus contemplava a oração de Moisés e de Ezequias. Deus não iria matar Ezequias naquela ocasião. Antônio Neves Mesquita afirma: “Ezequias não estava pronto para morrer, seja porque não tinha filhos que o sucedessem, pois Manassés nasceu mais tarde, seja porque, depois da vitória contra os exércitos assírios, desejava consolidar o seu poder em Judá”.<sup>93</sup> Deus estava levando Ezequias à oração (causa secundária) e usando a oração para que ele fosse curado. Tanto a oração como a cura de Ezequias e sua morte quinze anos depois estavam dentro dos decretos de Deus. Além disso, se Ezequias fosse morto sem um descendente, estaria prejudicando a sucessão real de Davi. Dessa sucessão viria o Messias, que se assentaria no trono perpetuamente. Em hipótese nenhuma, Deus mataria Ezequias naquela ocasião, pois a sua morte de fato aconteceria quinze anos depois.

A oração de Moisés também não expressa uma mudança na vontade de Deus. Deus não iria destruir o seu povo, pois tinha um propósito grandioso na vida daquelas tribos, principalmente na tribo de Judá, de onde viria o Messias. Essa verdade é vista em Gênesis 49. 10, que diz: “O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos”. O que acontece na passagem de Êxodo 32.7-14 é que Deus queria usar a oração de Moisés para salvar aquele povo. A oração de Moisés é um meio usado

---

<sup>93</sup> MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo nos livros dos Reis*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1974, p. 155.

por Deus para salvar os descendentes de Israel. Deus não mudou de vontade, pois o próprio Deus havia colocado no coração de Moisés o desejo de interceder pelo seu povo. Mais uma vez deve ser lembrado que tanto a oração de Moisés (causa secundária) como a resposta de Deus à oração já haviam sido decretadas pelo próprio Deus.

O autor reformado Vincent Cheung mostra que Deus não iria destruir o povo naquela ocasião com a seguinte afirmação:

Em Êxodo 32.10, Deus diz que ele destruiria os israelitas e levantaria uma nova nação por meio de Moisés. Mas Moisés era um levita, o que significa que Deus nunca pretendeu levantar uma nova nação por meio de Moisés, e, só alguns versículos mais tarde, constatou-se que ele não faria isso. W. Bingham Hunter está, portanto, certo quando diz que: “Minha convicção é que as referências ao arrependimento, compaixão ou mudanças de mente de Deus nas Escrituras são figuras de linguagem; tecnicamente falando, são antropopatismos – expressões que definem Deus nos termos usualmente empregados na descrição das emoções humanas”.<sup>94</sup>

É incorreto afirmar que Deus muda de vontade, os decretos de Deus são irrevogáveis. Deus tinha determinado por meio dos profetas que de Judá viria o Salvador, então Deus não iria levantar nova descendência partindo de Moisés, que era da tribo de Levi.

Em suma, deve-se compreender que todas às vezes que as Escrituras afirmam mudança da vontade de Deus, arrependimento e compaixão, estão empregando uma figura de linguagem conhecida como antropopatismo. Essa figura de linguagem não tem a intenção de transmitir a mensagem de que Deus que muda de vontade.

Cheung demonstra que a oração é uma causa secundária quando faz a seguinte afirmação a respeito da oração:

Deus é soberano, o que implica que ele determina e controla tudo. Uma vez que isso é verdade, segue-se que tudo aquilo que está envolvido na oração de uma pessoa também foi determinada por Deus. Se parece que Deus está respondendo uma oração, é assim em razão de que ele decidiu que agiria na história por meio dessa oração, e a oração também foi determinada e causada por ele para ocorrer precisamente da forma que se deu. Portanto, a oração [...] não muda a Deus. Da perspectiva divina, a oração é um ato realizado por Deus que pode levar a outros efeitos igualmente causados por ele. A oração em si não é uma causa que induz Deus a agir; antes, uma pessoa ora porque Deus está agindo e o induzindo-a a orar.<sup>95</sup>

### 3.3. ORANDO A PALAVRA DE DEUS: A ORAÇÃO COMO UM MEIO DE GRAÇA

<sup>94</sup> CHEUNG, *Oração e revelação*, p. 72.

<sup>95</sup> *Ibid.*, p. 72 e 73.

A oração é um meio de graça subordinado à Palavra de Deus. Quando a oração é baseada na vontade de Deus registrada nas Escrituras e guiada pelo Espírito Santo de Deus, ela se torna um meio pelo qual Deus derrama grandes bênçãos no meio do seu povo.

Muitos autores reformados de respeito, como Bavinck<sup>96</sup> e Berkhof<sup>97</sup> defendem que os meios de graça são dois, a saber: a Palavra e os Sacramentos. Contudo, o Breve Catecismo afirma que a oração também é um meio de graça ordinário. Essa verdade é expressa em sua pergunta 88, que diz:

Quais são os meios exteriores e ordinários pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos da redenção? Resposta: Os meios exteriores e ordinários pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos da redenção são as suas ordenanças, especialmente a Palavra, os sacramentos e a oração, todos os quais se tornam eficazes aos eleitos para a salvação.<sup>98</sup>

Autores reformados como os presbiterianos Charles Hodge, R. C. Sproul e Hermisten Costa também subscrevem essa verdade. Charles Hodge, em sua *Teologia Sistemática*, faz a seguinte afirmação:

Meios de graça, como anteriormente expressamos, são aqueles meios que Deus ordenou com o propósito de comunicar as influências vivificantes e santificantes do Espírito às almas humanas. Tais são a Palavra e os Sacramentos, e tal é a oração. Ela tem não só a relação que qualquer outra causa tem com o fim para o qual foi designada, e assim é a condição sob a qual as bênçãos divinas, providenciais e espirituais, são outorgadas; mas ela também nos conduz para perto de Deus, que é a fonte de todo o bem.<sup>99</sup>

Corroborando com Hodge, R. C. Sproul afirma: “Na vida da igreja, falamos dos meios de graça. Um dos principais meios de graça é a oração. Os meios de graça nos são dados como instrumentos para nossa santificação”.<sup>100</sup> Quando a oração é subordinada às Escrituras e guiada pelo Espírito Santo de Deus, pode-se afirmar que ela é um meio de graça.<sup>101</sup> “A maneira de transmitir a graça vem mediante o poder do Espírito Santo”.<sup>102</sup>

O pastor Hermisten Costa concorda que a oração é um meio pelo qual Cristo comunica as bênçãos da redenção ao seu povo. Essas bênçãos são transmitidas quando o povo de Deus

---

<sup>96</sup> Bavinck defende que os meios de graça são a Palavra e os sacramentos. Isso pode ser visto no vol. 4 de sua *Teologia Sistemática*, nas pp. 447-501.

<sup>97</sup> Berkhof defende em sua *Teologia Sistemática* que os meios de graça são a Palavra e os sacramentos. Isso pode ser visto nas pp. 557-561.

<sup>98</sup> VAN HORN, Leonard T. *Estudos no Breve Catecismo de Westminster*. Trad. Hope Gordon Silva. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2000, p. 159.

<sup>99</sup> HODGE, *Teologia sistemática*, p. 1543.

<sup>100</sup> SPROUL, *A mão invisível*, p. 263.

<sup>101</sup> *Ibid.*, p. 160.

<sup>102</sup> *Ibid.*

ora baseado na Palavra de Deus e guiado pelo Espírito Santo. Essa verdade pode ser vista na seguinte afirmação:

Orar como convém é orar segundo a vontade de Deus, colocando os nossos desejos em harmonia com o santo propósito de Deus; isto só é possível pelo Espírito de Deus que se conhece perfeitamente (1 Co 2.10-12). Assim, toda a oração genuína ocorre sob a orientação e direção do Espírito Santo (Ef 6.18; Jd 20).<sup>103</sup>

Corroborando com essa afirmação, o Catecismo Maior de Westminster em sua pergunta 182 diz:

Não sabendo pelo que devemos orar, o Espírito socorre as nossas fraquezas habilitando-nos a compreender por quem, pelo que e como orar; e opera e aviva em nossos corações (embora não em todas as pessoas, nem em todos os tempos, na mesma medida) aquelas percepções, sentimentos e graças necessárias ao correto cumprimento desse dever.<sup>104</sup>

O Catecismo de Heidelberg em sua pergunta 117 corrobora com a afirmação do Catecismo Maior de Westminster: “Como devemos orar para que a oração seja agradável a Deus e ele nos ouça? Resposta: Primeiro: devemos invocar, de todo o coração, o único e verdadeiro Deus que se revelou a nós em sua Palavra e orar por tudo que ele nos ordenou para pedir”.<sup>105</sup>

“Um segredo da oração que prevalece é a segurança íntima de que estamos orando na vontade de Deus. O Espírito Santo é o nosso conselheiro, enviado pelo Pai e dado por Cristo”.<sup>106</sup> O alemão Dietrich Bonhoeffer,<sup>107</sup> em seu livro *Orando com os Salmos*, traz um conceito de oração baseado na palavra de Deus:

É justamente isso que Jesus Cristo quer fazer. Ele quer orar conosco. Somos inseridos na sua oração e por isto podemos confiar e alegrar-nos em saber que Deus nos ouve. Se nossa vontade, se todo o nosso coração, se insere na oração de Cristo, então oramos bem. Somente em Jesus Cristo podemos orar e, com ele, também seremos ouvidos.<sup>108</sup>

Bonhoeffer também compartilha da visão de que só se consegue orar de acordo com a vontade de Deus se o Senhor conduzir o seu povo em oração.

<sup>103</sup> COSTA, Hermisten Maia Pereira da. “A Palavra e a oração como meios de graça”. *Fides Reformata*, vol. V, nº 2 (2000): 30-61, p. 44.

<sup>104</sup> VOS, *Catecismo Maior de Westminster comentado*, p. 586.

<sup>105</sup> *Catecismo de Heidelberg*. 2 ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2005, p. 75.

<sup>106</sup> DUEWEL, Wesley L. *A oração poderosa que prevalece*. 2 ed. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1996, p. 165.

<sup>107</sup> Morto pelos nazistas em 9 de abril de 1945.

<sup>108</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Orando com os Salmos*. Curitiba: Encontro Editora, 1995, p. 11.

As orações devem ser feitas firmadas nas verdades expressas nas Escrituras. Deve-se orar a Palavra de Deus no dia a dia e clamar para que o Espírito Santo conduza as orações, para que a visão equivocada possa ser acertada pela ação do Espírito Santo de Deus. Para auxiliar em como orar, Jesus deixou um modelo de oração, conhecido como Oração Dominical. O Breve Catecismo afirma essa verdade em sua pergunta 99, que diz:

Qual é a regra que Deus nos deu para nos orientar em oração? Resposta: Toda a Palavra de Deus é útil para nos orientar em oração, mas a regra especial de direção é aquela forma de oração que Cristo ensinou aos seus discípulos, e que geralmente é chamada de Oração Dominical.<sup>109</sup>

As Escrituras orientam os filhos de Deus a orarem de forma agradável, principalmente a oração dominical. Jesus quis deixar ao seu povo um modelo, e esse modelo demonstra que os filhos de Deus são totalmente dependentes do Criador.

---

<sup>109</sup> VAN HORN, *Estudos no Breve Catecismo de Westminster*, p. 181.

## CAPÍTULO 04 - A DOCTRINA DA ORAÇÃO E DA PROVIDÊNCIA NA VIDA PRÁTICA

Se Deus é soberano e controla todas as coisas, até mesmo a ação dos homens quando oram,<sup>110</sup> e se Deus não muda de vontade por meio da oração, uma pergunta pode ficar na mente dos leitores: “Se Deus já sabe, por que orar?”<sup>111</sup> Qual seria o benefício da oração se tudo já está determinado por Deus?

A soberania de Deus sobre todas as coisas não é uma desculpa para não orar. Ao contrário, quanto mais se reconhece Deus como soberano, mais vontade se tem de orar, pois se reconhece que a vontade de Deus será a melhor na vida de seus servos. “O conhecimento de que Deus é soberano tem o propósito de ser um encorajamento para orarmos e não uma desculpa para cairmos num fatalismo piedoso”.<sup>112</sup> Além disso, os filhos de Deus não conhecem os decretos de Deus quanto ao futuro, e como não há o conhecimento dos decretos de Deus, deve-se orar, tendo a confiança de que ele fará o que as suas mãos predeterminaram, mesmo não sendo o que se pediu. Os discípulos tinham essa verdade em mente em Atos 4.24-29:

Ouvindo isto, unânimes, levantaram a voz a Deus e disseram: Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há; que disseste por intermédio do Espírito Santo, por boca de Davi, nosso pai, teu servo: Por que se enfurecem os gentios, e os povos imaginaram cousas vãs? Levantaram-se os reis da terra, e as autoridades ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido; porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram; agora, Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que anunciem com intrepidez a tua palavra.

Esse texto mostra que os discípulos reconheciam a soberania de Deus; eles sabiam que Jesus havia sido crucificado pela vontade soberana de Deus e que Deus havia levantado autoridades para matarem Jesus. Mas é interessante que mesmo reconhecendo que Deus realiza aquilo que sua mão predetermina, no versículo 29 de Atos 4, oram ao Senhor pedindo intrepidez para anunciarem a Palavra de Deus. O reconhecimento da soberania de Deus, não tira de seus servos a vontade de orar. Bridges comentando o texto de Atos 4.24-29 faz a seguinte afirmação:

---

<sup>110</sup> *Confissão de fé de Westminster*, 1991, p. 30.

<sup>111</sup> Título do livro de Douglas Kelly.

<sup>112</sup> BRIDGES, *Confiando em Deus*, p. 127.



Os discípulos criam na soberania de Deus. Todavia, a soberania de Deus era para eles um motivo e um encorajamento para orar. Eles criam que, pelo fato de Deus ser soberano, Ele era capaz de responder a oração deles. Eles reconheceram o propósito soberano de Deus nos eventos passados (por exemplo: na crucificação), mas jamais presumiram conhecer o decreto divino para os eventos futuros. Sabiam apenas que Cristo havia ordenado que fossem Suas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra. Assim eles oraram, confiantes que o Deus soberano, o qual havia ordenado que fossem testemunhas, era capaz de eliminar os obstáculos à obediência deles.<sup>113</sup>

Os cristãos devem orar com a certeza de que Deus é soberano, pois se ele não for soberano sobre todas as coisas não se tem segurança ao orar. “A oração pressupõe a soberania de Deus. Se Deus não é soberano, não temos segurança de que ele é capaz de responder a oração”.<sup>114</sup> Bridges continua dizendo: “Ela não passaria de meros desejos. Porém, enquanto a soberania de Deus, juntamente com Sua sabedoria e amor, se constituem no fundamento da nossa confiança nEle, a oração é a expressão dessa confiança”.<sup>115</sup> A confiança que se tem na soberania de Deus é o que leva seus verdadeiros filhos à oração. Dizer que a soberania de Deus é um desestímulo à oração é um grande equívoco. “A Soberania de Deus não anula nossa responsabilidade de orar; mas ao contrário torna possível a oração feita com confiança”.<sup>116</sup>

Outro exemplo bíblico de que a soberania de Deus leva os seus servos à oração pode ser visto na vida de Daniel. O livro de Daniel 9.1-3 diz:

No primeiro ano de Dario, filho de Assuero, da linhagem dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus, no primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi, pelos livros, que o número de anos, de que falara o SENHOR ao profeta Jeremias, que havia de durar as assolções de Jerusalém, era de setenta anos. Voltei o rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza.

Daniel, lendo o profeta Jeremias, tem o discernimento de que o tempo do cativeiro duraria 70 anos. Mesmo reconhecendo que esse tempo não seria alterado pelo Senhor; Daniel volta o rosto ao Senhor e ora. Ele poderia muito bem não orar, pois o tempo já estava determinado por Deus. Contudo, ora pedindo ao Deus soberano perdão para o povo. Comentando esse texto, o Rev. Hernandes Dias Lopes faz a seguinte afirmação: “Daniel ora e suplica. O decreto de Deus o leva a ser mais enfático na sua oração e clamor”.<sup>117</sup> A oração de

---

<sup>113</sup> Ibid., p. 127 e 128.

<sup>114</sup> Ibid., p. 128.

<sup>115</sup> Ibid.

<sup>116</sup> Ibid., p. 129.

<sup>117</sup> LOPES, Hernandes Dias; CASIMIRO, Arival Dias. *Aprendendo a orar com quem ora: um estudo das grandes orações da Bíblia*. São Paulo: Editora Hagnos, 2015, p. 75.

Daniel demonstra pontos muito importantes de uma oração:<sup>118</sup> primeiro, ele volta o rosto para o Senhor; segundo, Daniel faz um clamor fervoroso; terceiro, ora com uma urgência inadiável; quarto, ora com um quebrantamento profundo.<sup>119</sup> Além disso, a oração de Daniel demonstra profunda reverência para com Deus, adoração a Deus, pedido de perdão dos pecados do povo e reconhecimento de que Deus era totalmente justo.<sup>120</sup>

Em Daniel 9.19 pode ser visto que o reconhecimento da soberania de Deus levava Daniel a orar com intensidade: “Ó Senhor, ouve; ó Senhor, perdoa; ó Senhor, atende-nos e age; não te retardes, por amor de ti mesmo, ó Deus meu; porque a tua cidade e o teu povo são chamados pelo teu nome”.

#### 4.1. O ENTENDIMENTO DA SOBERANIA DE DEUS LEVA O HOMEM A SE PROSTRAR EM ADORAÇÃO, LOUVOR E CONFISSÃO A DEUS.

“A oração nos leva à postura de prostração espiritual diante de Deus”.<sup>121</sup> Ela é o reconhecimento de que o homem não é nada sem Deus. A oração não é um meio de mudar a vontade de Deus, mas sim um meio de declarar o quanto se depende dele. Robert Murray McCheyne disse: “O que um homem é, é o que ele é sobre seus joelhos diante de Deus e nada mais”.<sup>122</sup> O verdadeiro servo de Deus vive de joelhos diante do Pai. Daniel, mesmo reconhecendo a soberania de Deus, vivia de joelhos em oração, pois entendia o quão dependente era de Deus. Na Bíblia, podem ser vistos os servos de Deus em reconhecimento total da Soberania de Deus, por isso prostravam-se em adoração e louvor ao Deus de Israel. Esta verdade pode ser vista em 1Crônicas 29.10-13, que diz:

Pelo que Davi louvou o SENHOR perante a congregação toda e disse: Bendito és tu, SENHOR, Deus de Israel, nosso pai, de eternidade em eternidade. Teu SENHOR, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há na terra; teu, SENHOR, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos. Riquezas e gloria vêm de ti, tu dominas sobre tudo, na tua mão há força e poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força. Agora, pois, ó nosso Deus, graças te damos e louvamos o teu glorioso nome.

---

<sup>118</sup> LOPES, Hernandes Dias. *Daniel: um homem amado no céu*. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 112.

<sup>119</sup> *Ibid.*, p. 111 e 112.

<sup>120</sup> *Ibid.*, p. 112 e 113.

<sup>121</sup> JOHNSON, *A doutrina da graça na vida prática*, p. 156.

<sup>122</sup> *Ibid.*

Davi se derrama perante o Senhor em reconhecimento da sua soberania, declarando que Deus tem o domínio sobre todas as coisas, que dele é o poder. “Davi é consumido com a glória de Deus”.<sup>123</sup> Os filhos de Deus, ao reconhecerem a glória e a soberania de Deus, se prostram em adoração e louvor.

A mentalidade de que a oração é apenas de intercessão deve ser tirada da mente das pessoas. A oração não é um meio apenas de pedir bênçãos a Deus, mas também um meio de adoração e louvor a Deus, um meio pelo qual o nome de Deus é exaltado e ainda um meio pelo qual o agradecimento a Deus é demonstrado.

R. C. Sproul, comentando sobre a soberania de Deus na oração, diz:

Na realidade, se examinarmos a vida de oração dos grandes santos, observaremos que o tempo que eles passam em adoração nas suas orações é diretamente proporcional à sua santificação. Considere os salmos de Davi; essas orações estão repletas de adoração. Quanto mais Davi se aproxima de Deus, mais suas expressões de louvor e adoração ficam intensas. O que era verdadeiro sobre Davi e os santos da igreja será verdadeiro sobre nós também.<sup>124</sup>

Corroborando com Sproul, A. W. Pink faz a seguinte afirmação:

A oração foi instituída para que o próprio Senhor Deus seja honrado. Deus requer que reconheçamos que Ele é, de fato, “o Alto, o Sublime, que habita a eternidade” (Is 57.15) Deus requer que reconheçamos o seu domínio universal. Quando Elias orou para que chovesse, reconheceu que Deus exerce controle sobre os elementos da natureza; ao orarmos que Deus liberte um miserável pecador da ira vindoura, reconhecemos que “ao Senhor pertence a salvação!” (Jn 2.9); ao suplicarmos que Ele abençoe a pregação do evangelho até os confins de terra, declaramos que Ele é quem rege o mundo inteiro.<sup>125</sup>

Deus é soberano, e age de acordo com os seus decretos, mas o homem continua pecador e carece do perdão do Senhor. Além de a oração ser um meio de adoração e louvor a Deus, ela também é um meio pelo qual os filhos de Deus pedem perdão pelos seus pecados. O reconhecimento da soberania de Deus faz com que os crentes se prostrem perante ele em contrição. Isso aconteceu com o profeta Isaías, conforme registrado em Isaías 6.5, que diz: “Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos”.

---

<sup>123</sup> Ibid., p. 158.

<sup>124</sup> SPROUL, *A mão invisível*, p. 272.

<sup>125</sup> PINK, *Deus é soberano*, p. 128.

A oração de confissão “é ir à fonte do sangue de Jesus Cristo para que nossos pecados sejam lavados. É ser limpo e perdoado”.<sup>126</sup> Deus já conhece todos os nossos pecados, contudo requer que se ore pedindo perdão pelas falhas, para que assim os crentes vejam onde estão errando e declarem isso a Deus em confissão. R. C. Sproul faz uma relação entre adoração e confissão e diz: “A relação entre a adoração na oração e a confissão é evidente. Quanto mais contemplamos a excelência de Deus na sua perfeita santidade, mais cientes nos tornamos de nossa própria indignidade”.<sup>127</sup> Continua dizendo: “Quanto mais aprendemos de Deus, mais aprendemos a nosso respeito. Quanto mais aprendemos a nosso respeito, mais percebemos que temos que confessar”.<sup>128</sup> A oração dominical ensina em sua quinta petição que os filhos de Deus devem pedir perdão por seus pecados por meio da oração. O Catecismo Maior de Westminster na pergunta 194 afirma:

Reconhecendo que nós e todos os outros somos culpados do pecado original e do pecado individual e, portanto, devedores à justiça de Deus; e que nós, nem outra criatura qualquer, não podemos satisfazer a mínima parte dessa dívida, pedimos na quinta petição (que é: perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores).<sup>129</sup>

#### 4.2. ORAÇÃO COMO FORMA DE RELACIONAMENTO COM DEUS

A oração é uma forma de se relacionar com Deus. Essa verdade pode ser vista em Mateus 7.7-12, onde Deus é demonstrado como o Pai Eterno, que concede boas dádivas aos seus filhos. No texto de Mateus 7.7-12, Jesus ensina aos seus discípulos que Deus se relaciona com eles, mas isso não quer dizer que Deus vai fazer tudo o que eles querem. Eles só receberão aquilo que Deus considerar bom para eles, ou seja, suas orações só serão ouvidas se orarem conforme a vontade de Deus, descrita nas Escrituras. Demonstra ainda a figura de Deus como Pai. Os pais humanos conhecem os seus filhos, se relacionam com eles, querem que os seus filhos falem sobre suas necessidades. Mas isso não quer dizer que os pais farão tudo o que os filhos lhes pedirem, por saberem que muitas dessas coisas farão mal a eles. Deus é então muito superior aos pais humanos; se os pais humanos sabem o que é bom para os seus filhos, quanto mais o grande Pai Eterno.

---

<sup>126</sup> MACDONALD, Hope. *Jesus, ensina-nos a orar*. 11. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1995, p. 59.

<sup>127</sup> SPROUL, *A mão invisível*, p. 273.

<sup>128</sup> *Ibid.*

<sup>129</sup> VOS, *Catecismo Maior de Westminster comentado*, p. 632.

Deus sendo o grande Pai Eterno, quer que seus filhos se relacionem com ele, e esse relacionamento ocorre também por meio da oração. Isso não quer dizer que Deus vai mudar de vontade, ou que vai fazer tudo aquilo que seus filhos lhe pedirem por meio da oração. Deus quer que seu povo se derrame perante ele em oração, colocando diante dele todas as suas aflições, dificuldades, pecados, desejos e anseios. Deus vai ajudar, fazendo o que é melhor para a vida de seus filhos.

Fritz Rienecker faz o seguinte comentário de Mateus 7.11:

A frase final: quanto mais o você Pai nos céus dará coisas boas aos que lhe pedirem, representa uma salutar correção de todas as suposições falsas de atendimento de oração. Deus, com toda a certeza, atende cada oração, só que não de acordo com programa estabelecido por nós, e sim de acordo com sua vontade. Essa sempre é, sem exceção, boa.<sup>130</sup>

Os pastores e a igreja precisam entender que o relacionamento com Deus por meio da oração é essencial para a vida do ministro e da igreja. O Rev. Hernandes Dias Lopes faz a seguinte afirmação:

A oração precisa ser prioridade tanto na vida do pastor como na agenda da igreja. Mede-se a profundidade de um ministério não pelo sucesso diante dos homens, mas pela intimidade com Deus. Mede-se a grandeza de uma igreja não pela beleza de seu edifício ou pela pujança de seu orçamento, mas pelo seu poder espiritual através da oração. No século 19, Charles Haddon Spurgeon disse que, em muitas igrejas, a reunião de oração era apenas o esqueleto de uma reunião, em que as pessoas não mais compareciam. Ele concluiu: “Se uma igreja não ora, ela está morta”.<sup>131</sup>

A falta de oração não prejudica Deus em nada. Se o povo de Deus não orar, Deus vai continuar sendo Deus. Quem estará prejudicado nesse relacionamento é o homem, que se distanciará da vontade soberana de Deus.

Se você e eu pararmos de orar, os planos de Deus irão continuar. Ele ainda continuará construindo a sua igreja, os portões do inferno não prevalecerão sobre ela, e todo homem, mulher e crianças destinados a serem trazidos para o reino de Deus serão trazidos. Mas eu irei sofrer por minha falta de oração.<sup>132</sup>

James Houston, em seu livro *Orar com Deus*, define a oração como um meio de relacionamento com Deus da seguinte forma: “A oração nos capacita a entrar em um mundo

<sup>130</sup> RIENECKER, Fritz. *Evangelho de Mateus*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998, p. 75.

<sup>131</sup> LOPES, Hernandes Dias. *De: Pastor A: Pastor: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 71.

<sup>132</sup> ASCOL, Tom. *Amado Timóteo: uma coletânea de cartas ao pastor*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2005, p. 97.

novo de relacionamentos. Para isso, temos que começar a compreender mais plenamente a nós mesmos. Isso abre os nossos olhos para quanto realmente precisamos da ajuda de Deus”.<sup>133</sup>

Não existe nenhuma parte dos seres humanos que não seja dependente de Deus. Por este motivo os filhos de Deus oram, pois compreendem que até mesmo a fé que possuem em Jesus Cristo é dada por Deus, ou seja, porque Deus quis se relacionar com os seus eleitos. Lutero expressa isso em uma frase: “Ter fé é simplesmente orar”.<sup>134</sup> Nesse sentido os salvos em Cristo Jesus oram, pois a fé em Deus os conduz à oração.

#### 4.3. A ORAÇÃO LEVA OS FILHOS DE DEUS A SEREM SUBMISSOS À SUA VONTADE

O entendimento de que Deus governa todas as coisas por meio de sua providência, faz com que os filhos de Deus vivam tranquilos, pois a vontade de Deus, que é boa, perfeita e agradável, será efetuada na vida dos seus servos. O governo de Deus sobre todas as coisas não é em hipótese alguma um desestímulo às orações. Ao contrário, quanto mais se sabe que Deus é soberano, mais o povo de Deus vai orar, pois eles se encontram nas mãos do autor da história.

O maior exemplo de submissão descrito nas Escrituras é o de Jesus Cristo. Essa submissão fica totalmente evidente em Lucas 22.41-42, que diz: “Ele, por sua vez, se afastou, cerca de um tiro de pedra, e, de joelhos, orava, dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a tua”.

Jesus nesta passagem ensina uma grande lição à sua igreja, a saber: que a oração será respondida conforme a vontade de Deus e não dos homens. Se o próprio Jesus sendo o Verbo de Deus reconheceu isso, a igreja, que é o corpo de Cristo, precisa entender essa verdade também. Leon L. Morris, comentando Lucas 22.41-42, afirma:

Não era nenhuma tarefa fácil que Jesus via na sua frente, mas a oração dEle é centralizada na vontade do Pai mais do que em ser Ele poupado. Ora que a vontade de Deus feita, e diz especificamente não se faça minha vontade. Não se quer dizer que a vontade dEle está em oposição àquela do Pai: o próprio fato de proferir esta oração demonstra que não está. Trata-se, pelo contrário, de uma forte afirmação do Seu desejo que a vontade do Pai prevaleça.<sup>135</sup>

---

<sup>133</sup> HOUSTON, James. *Orar com Deus: desenvolvendo uma transformadora e poderosa amizade com Deus*. São Paulo: Abba, 1995, p. 24.

<sup>134</sup> Ibid., p. 25.

<sup>135</sup> MORRIS, Leon L. *O Evangelho de Lucas: introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1983, p. 291.

A oração deve ser feita em submissão à vontade de Deus, pois é Deus quem é soberano, e não o homem. Jesus não determina nada para Deus. Jesus não diz que não aceita a vontade de Deus. Ao contrário, Jesus declara que a vontade de Deus é soberana em sua vida e que ela não vai mudar. A. W. Pink faz uma afirmação que corrobora com o argumento de que se deve ser submisso à vontade de Deus, afirmando:

A oração redundava na glória de Deus, pois, ao orarmos, reconhecemos que dependemos dEle. Ao dirigirmos humildemente as nossas súplicas a Deus, nos entregamos ao seu poder e à sua misericórdia. Ao buscarmos bênçãos da parte de Deus, reconhecemos que ele é o autor e a Fonte de toda boa dádiva e todo dom perfeito. Que a oração glorifica a Deus também se vê no fato que ela promove o exercício da fé. E nada, da nossa parte, honra e agrada tanto a Deus como a confiança que Lhe votam os nossos corações.<sup>136</sup>

Outro texto que demonstra que as orações nos levam a ser submissos à vontade de Deus pode ser encontrado em 2Coríntios 12.7-10, que diz:

E, para que não me ensoberbece com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte. Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte.

Paulo, nessa porção das Escrituras, nos ensina uma grande lição, a saber: Deus não muda sua eterna vontade por causa da oração de seus servos, mas os ensina a ser submissos à sua vontade. Paulo declara que por três vezes pediu a Deus que tirasse dele um espinho na carne.<sup>137</sup> Esse espinho o incomodava muito. Contudo, Deus não tira o espinho de sua carne, afirmando ao apóstolo que a sua graça bastava.

Paulo em nenhum momento determina nada a Deus, ou afirma que não aceitava os desígnios de Deus, como aqueles que defendem a confissão positiva na oração. Ao contrário, ele ora a Deus com humildade, sabendo que a vontade de Deus se realizaria em sua vida. Deus lhe responde com um não, mas o apóstolo Paulo entende que Deus estava cuidando dele, pois aquele espinho na carne o colocava em seu devido lugar, a saber: na dependência de Deus. Esse espinho na carne lhe ensinava que a sua força não vinha de suas mãos, mas das mãos de Deus. Ainda o ensinava a não ser soberbo devido às grandes revelações que recebeu de Deus, ou seja,

---

<sup>136</sup> PINK, *Deus é soberano*, p. 129.

<sup>137</sup> Não há uma resposta conclusiva para o que era o espinho na carne de Paulo. Calvino acreditava serem tentações espirituais e Lutero acreditava ser a perseguição dos judeus.

o espinho na carne que o fazia sofrer era o melhor em sua vida, pois essa era a vontade de Deus. O Rev. Hernandes Dias Lopes, ao comentar 2Coríntios 12.7-10, faz a seguinte afirmação:

Assim Como Jesus orou por três vezes no Getsêmani, para Deus afastar-lhe o cálice, e o Pai não o atendeu, mas enviou um anjo para o consolar, Paulo orou também três vezes para Deus tirar o espinho de sua carne, porém a resposta de Deus não foi a suspensão do espinho e sim a força para suportá-lo. Deus nem sempre nos livra do sofrimento, mas nos dá graça para enfrentá-lo vitoriosamente. Paulo orou na aflição: orou ao Senhor, orou com insistência e especificamente e, mesmo assim Deus lhe disse não.<sup>138</sup>

Corroborando com Hernandes Dias Lopes, Kistemaker afirma:

A expressão três vezes nos lembra as orações de Jesus a Deus no jardim do Getsêmani (Mt 26.36-46). Não sabemos se Paulo fez suas petições três vezes em rápida sucessão ou se foi durante um período de tempo. E não sabemos se Jesus respondeu a ele por três vezes, ou apenas depois da última vez. [...] Uma semelhança é que nem Jesus nem Paulo tiveram o pedido atendido. Jesus foi para a sua morte na cruz e Paulo continuou a sofrer fisicamente pelo resto de sua vida terrena.<sup>139</sup>

Tanto a oração de Jesus no Getsêmani, como a de Paulo pedindo a Deus que tirasse dele o espinho da carne, demonstram a supremacia da vontade de Deus. A oração não é um meio de mudar os decretos de Deus, mas sim um meio de ser submisso à vontade de Deus. A oração não é só pedir, mas também adorar, louvar, confessar, se relacionar e aceitar a vontade de Deus que é eterna e soberana, decretada desde a fundação do mundo, pois os dias de todas as criaturas de Deus estão contados e determinadas antes dos tempos eternos.<sup>140</sup> Hodge afirma:

Oração é a conversa da alma com Deus. Nela manifestamos ou expressamos diante dele nossa reverência e nosso amor por sua divina perfeição, nossa gratidão por todas as suas mercês, nossa penitência por nossos pecados, nossa esperança em seu amor perdoador, nossa submissão à sua autoridade, nossa confiança em seu cuidado, nossos anelos por seu favor e pelas bênçãos providenciais e espirituais indispensáveis para nós e para os outros.<sup>141</sup>

A oração é um meio pelo qual os filhos de Deus demonstram ser totalmente dependentes do Criador, Sustentador e Governador de todas as coisas.

<sup>138</sup> LOPES, Hernandes Dias. *2 Coríntios: o triunfo de um homem de Deus diante das dificuldades*. São Paulo: Editora Hagnos, 2008, p. 266 e 267.

<sup>139</sup> KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento: exposição da segunda epístola aos Coríntios*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 584.

<sup>140</sup> Cf. Salmo 139.16.

<sup>141</sup> HODGE, *Teologia sistemática*, p. 1531.



## CONCLUSÃO

A oração é uma causa secundária usada por Deus para o cumprimento de seu eterno propósito. Tanto a oração como o resultado da oração são contemplados pelo decreto de Deus, pois o mesmo Deus que decretou os fins também decretou os meios pelos quais todas as coisas aconteceriam.

A oração está inteiramente ligada à doutrina da providência, pois Deus é quem governa todas as ações dos homens. Se o homem ora é porque o próprio Deus o levou à oração por meio da ação do Espírito Santo. Quando os filhos de Deus oram, não é pela própria vontade, mas porque Deus os moveu à oração. Partindo desse pressuposto oram para que o decreto de Deus seja cumprido.

Deus sendo soberano e imutável, não faria da oração um meio de mudar a sua vontade. A afirmação de que Deus muda de vontade por meio da oração de seus filhos é completamente equivocada e antibíblica. Deus jamais deixará de cumprir os planos que ele mesmo estabeleceu antes dos tempos eternos, pois se Deus mudasse de vontade não seria Deus, mas uma simples criatura. Deus é o criador de todo o universo, e por meio de sua providência governa e preserva todas as coisas que existem, sendo esse governo exercido até mesmo sobre a vontade dos homens. Toda a história acontecerá da maneira que Deus decretou, e cada acontecimento na macro e micro história acontecerão de maneira imutável e infalível. Essa verdade confessional também se aplica à oração.

Deus usa as causas secundárias, mas pode agir apesar delas. A visão de que Deus depende do homem para agir não é verdadeira. Deus pode agir na história apesar dos homens. Deus não depende das orações dos homens. Se os servos de Deus não orarem, Deus continuará sendo Deus. E a história determinada por ele antes dos tempos eternos será cumprida. Mas pelo conselho de sua eterna vontade Deus quis usar de meios para que alguns de seus propósitos fossem manifestados. E um desses meios é a oração dos filhos de Deus. Dentro deste contexto bíblico é inconcebível a afirmação de que a oração muda a vontade de Deus, pois se assim fosse, Deus seria dependente do conselho dos homens, contrariando o que a Palavra de Deus afirma em Romanos 11.33-36.

A oração, não sendo um meio de mudar a vontade de Deus, pode ser interpretada como desnecessária, mas essa visão se faz equivocada também, pois a oração não é apenas um meio de pedir coisas a Deus. Por meio da oração o nome de Deus é adorado e louvado; a oração ainda é um meio de se pedir perdão a Deus pelos pecados cometidos; a oração também faz com que os filhos de Deus desejem que a vontade do Soberano seja realizada em suas vidas.

O entendimento correto da soberania de Deus faz com que os filhos de Deus orem mais, pois têm a convicção de que Deus cuida deles, realizando em suas vidas o que é melhor e o que ele já tinha predeterminado antes dos tempos eternos. Além disso, os filhos de Deus por serem limitados não conhecem os decretos de Deus em sua totalidade. Por este motivo devem colocar diante de Deus as suas súplicas, mas essas súplicas não serão realizadas no intento de mudar a vontade de Deus e sim de maneira dependente e submissa à perfeita e maravilhosa vontade de Deus.

A oração é um meio dado por Deus para que seus filhos se relacionem com ele. Mais uma vez pode-se afirmar que os servos de Deus não oram visando mudar os decretos de Deus, mas, sim, para se relacionar com o Deus criador de todas as coisas. Deus é um Pai amoroso que se relaciona com seus filhos de maneira próxima, mas como Pai não quer dizer que irá fazer tudo aquilo que os filhos querem. Fará sim o que é melhor para eles, ou seja, fará o que ele mesmo planejou desde os tempos eternos.

A oração é um recurso que Deus usa para abençoar seus filhos, pois é um meio de graça subordinado à Palavra de Deus. Os servos de Deus oram com base nas Escrituras e guiados pela bondosa ação do Espírito Santo, que os conduz a orar de maneira agradável. Por este motivo a oração só é atendida quando realizada segundo a vontade de Deus, oração essa realizada de maneira humilde e dependente de Deus.

Os filhos de Deus sempre terão uma vida de oração, pois Deus manda que seus filhos orem. Se esse é um mandamento de Deus, deve ser cumprido. Os filhos de Deus não questionam se a resposta à oração foi a esperada, mas louvam a Deus por entender que a resposta dada foi a melhor para a vida deles, pois reconhecem que o Deus criador escreveu toda a história e que não existe nem um milésimo de segundo que não esteja debaixo do eterno e soberano controle de Deus. Dentro de toda essa história escrita por Deus, está cada oração de seus filhos, bem como a resposta a cada uma dessas orações. Deus não mudou sua eterna vontade em nenhuma dessas orações, mas quis usar algumas como causas secundárias, para que alguns de seus propósitos se cumprissem. Essa verdade deve estar na mente dos filhos de Deus ao orarem, para que as orações dos eleitos de Deus sejam feitas dentro da verdade revelada por meio da Palavra de Deus.

Deus jamais se arrepende de seus desígnios, pois a sua eterna vontade é sempre perfeita e agradável. E esta vontade perfeita e agradável sempre permanecerá na vida de seus servos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCOL, Tom. *Amado Timóteo: uma coletânea de cartas ao pastor*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2005.

BANHOEFFER, Dietrich. *Orando com os Salmos*. Curitiba: Encontro Editora, 1995.

BANZOLI, Lucas BanzoLi. *Calvinismo ou arminianismo: Quem está com a razão?* São Paulo: Clube de Autores, 2014.

BAVINCK, Herman. *Dogmática reformada: Deus e a Criação*. Vol. 2. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2012.

BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. Trad. Odayr Olivetti. 4 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

*Bíblia de Estudo de Genebra*. São Paulo e Barueri: Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BRIDGES, Jerry. *Confiando em Deus: Mesmo quando a vida nos golpeia, aflige e fere*. Trad. Eros Pasquini Júnior. São Paulo: Nutra Publicações, 2013.

CALVINO, João. *O livro de ouro da oração*. Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2003.

\_\_\_\_\_. *As Institutas da Religião Cristã: Edição Clássica*. Vols. 1 e 3. Trad. Waldyr Carvalho Luz. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CAMPOS, Heber Carlos de. *A providência e sua realização histórica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

CAMPOS JÚNIOR, Heber Carlos de. Resenha do livro “*A oração de Jabez*”, de Bruce Wilkinson. *Fides Reformata*, vol. VIII, nº 1 (2003), p. 151-154.

*Catecismo da Igreja Católica*. Edição Típica Vaticano. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

*Catecismo de Heidelberg*. 2 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

CHEUNG, Vincent. *Oração e revelação*. Trad. Felipe Sabino de Araújo Neto. Brasília: Editora Monergismo, 2009.

CHO, Paul Yonggi. *A quarta dimensão*. São Paulo: Editora Vida, 1981.

*Confissão de Fé de Westminster*. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1991.

COSTA, Hermisten Maia Pereira. “A providência de Deus e a oração de seus servos”. *Revista Teológica Pensador Cristão*. Maringá: Escola Teológica Pensador Cristão, vol. 1, nº 15 (jan./abr. 2003).

\_\_\_\_\_. “O Espírito Santo: o mestre da oração”. *Revista Teológica Pensador Cristão*. Maringá: Escola Teológica Pensador Cristão, vol. 1, nº 11 (maio/ago. 2002).

\_\_\_\_\_. “A Palavra e a oração como meios de graça”. *Fides Reformata*, vol. V, nº 2 (2000), p. 30-61.

\_\_\_\_\_. “Deus, igual a nós”. *Revista Palavra Viva*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, Vol. 1, nº 62 (jul./set. 2015).

DUEWEL, Wesley L. *A oração poderosa que prevalece*. 2. ed. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1996.

FERREIRA, Franklin. MYATT, Alan. *Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

FINNEY, Charles. *Teologia sistemática*. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2001.

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática: atual e exhaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

GRUDEM, Wayne. *Manual de teologia sistemática: uma introdução aos princípios da fé cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2001.

HAGIN, Kenneth E. *A autoridade do crente*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. *O nome de Jesus*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2002.

HODGE, A. A. *Confissão de Fé de Westminster: comentada por A. A. Hodge*. Trad. Valter Graciano Martins. 4 ed. São Paulo: Puritanos, 2013.

HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. Trad. Valter Graciano Martins. São Paulo: Hagnos, 2001.

HOUSTON, James. *Orar com Deus: desenvolvendo uma transformadora e poderosa amizade com Deus*. São Paulo: Abba, 1995.

JOHNSON, Terry. *A doutrina da graça na vida prática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

KELLY, Douglas. *Se Deus já sabe, por que orar?* Trad. Elizabeth Zekveld Portela. 2 ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009.

KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento: Exposição da segunda epístola aos Coríntios*. Trad. Helen Hope Gordon Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

LOPES, Hernandes Dias; CASIMIRO, Arival Dias. *Aprendendo a orar com quem ora: um estudo das grandes orações da Bíblia*. São Paulo: Editora Hagnos, 2015.

LOPES, Hernandes Dias. *Daniel: um homem amado no céu*. São Paulo: Hagnos, 2005.

\_\_\_\_\_. *De: pastor a: pastor: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus*. São Paulo: Hagnos, 2008.

\_\_\_\_\_. *2 Coríntios: o triunfo de um homem de Deus diante das dificuldades*. São Paulo: Editora Hagnos, 2008.

MACDONALD, Hope. *Jesus, ensina-nos a orar*. 11 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

MALAFAIA, Silas. *A oração que mudou o propósito de Deus*. Revisado em abr. 2013. Disponível em: <<http://www.verdadegospel.com>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo nos livros dos Reis*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1974.

MILHOMENS, Valnice. *O poder da intercessão*. 3 ed. São Paulo: Palavra da fé Produções, 1998.

MILHOMENS, Valnice. *Tipos de oração*. 3 ed. São Paulo: Palavra da Fé Produções, 1993.

MORRIS, Leon L. *O Evangelho de Lucas: introdução e comentário*. São Paulo: Editora Vida Nova, 1983.

PINK, A. W. *Deus é soberano*. 4 ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1997.

RIENECKER, Fritz. *Evangelho de Mateus*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1998.

SOARES, R. R. *Como tomar posse da bênção*. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2004.

SPROUL, R. C. *A oração muda as coisas?* São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2012.

\_\_\_\_\_. *A mão invisível: todas as coisas realmente cooperam para o bem?* São Paulo: Bom Pastor Editora, 2001.

VAN HORN, Leonard T. *Estudos no Breve Catecismo de Westminster*. Trad. Hope Gordon Silva. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2000.

VOS, Johannes Geerhardus. *Catecismo Maior de Westminster comentado*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2007.

WILKINSON, Bruce. *A oração de Jabez*. São Paulo: Editora Novo Mundo, 2002.